

MARLENE URZE FERREIRA

**A Inclusão:
Caminhos do (In)Sucesso Escolar**

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Fevereiro de 2022

FACULDADE DE LETRAS

A Inclusão:

Caminhos do (In)Sucesso Escolar

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	A Inclusão
Subtítulo	Caminhos do (In)Sucesso Escolar
Autor/a	Marlene Urze Ferreira
Orientador/a(s)	Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro
Júri	Presidente: Doutor João Luís de Jesus Fernandes Vogais: 1. Doutor Paulo Nuno Maia de Sousa Nossa 2. Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário
Área científica	Geografia
Especialidade/Ramo	Formação de Professores
Data da Defesa	16 de fevereiro de 2022
Classificação do Relatório	14 valores
Classificação do Estágio e Relatório	13 valores



Agradecimentos

Após esta longa caminhada, não poderia deixar de fazer um agradecimento a todos aqueles que, direta ou indiretamente, me ajudaram a concluir esta etapa.

À minha orientadora, Doutora Fátima Velez, por me ter incentivado a concluir o presente mestrado, que já estava parado há uns bons anos. Sem dúvida que sem o seu apoio, compreensão, persistência, amizade e orientação, não teria conseguido. Se aqui cheguei, em grande parte, devo-o a si. Muito Obrigado!!!

À minha orientadora de estágio, Professora Sandra Alves, pela orientação e ensinamentos, ao longo do ano letivo.

Ao meu marido que, nos momentos de maior cansaço, nunca me deixou desistir.

À minha família por compreender a minha “ausência”, ao longo deste ano letivo, incentivando-me sempre.

Às minhas colegas de trabalho, Patrícia Nazaré e Ana Ferreira, que me ajudaram a não falhar para com os nossos meninos do “Estuda +”. Sem o vosso apoio e compreensão, este estágio nunca teria sido possível.

Aos meus amigos que, embora não estivéssemos presentes, tanto como seria o normal, sempre estiveram à distância de um telefonema, apoiando-me incondicionalmente.

Não posso deixar de agradecer a todos os meus colegas da Escola Secundária do Monte da Caparica e toda a equipa técnica do PIEF, com quem tive o privilégio de trabalhar. Aprendi e cresci tanto ao longo dos dois anos de trabalho nesta escola e projeto. Sem dúvida que me mostraram o que é trabalhar em equipa e que no trabalho podemos ganhar amigos para a vida. Sem vocês, não teria sido possível desenvolver o tema abordado, na presente tese.

Obrigado a todos!!!!!!

Resumo

O presente relatório tem como objetivo dar a conhecer as atividades letivas realizadas no âmbito do estágio pedagógico, realizado ao longo do ano letivo 2020/2021, no Agrupamento de Escolas da Mealhada. Para além disso, pretende-se apresentar o estudo do tema “A Inclusão: Caminhos do (In)Sucesso Escolar”, que surge devido à forte mudança da nossa sociedade, e consequentemente da nossa Escola, dos nossos alunos e professores, tornando-se fulcral a procura de estratégias capazes de fazer face aos novos desafios.

A estrutura deste relatório está dividida em três partes essenciais. Na primeira parte é feita uma breve caracterização da escola, das turmas e o enquadramento geográfico do local de estágio, bem como se faz uma breve apresentação do trabalho realizado com os alunos, ao longo do ano letivo. De seguida, destaca-se a dimensão científica, abordando o tema “Educação Inclusiva”, com o objetivo de aferir quais as diferenças entre “Ensino Normal” e “Ensino Diferenciado” e a contribuição da Geografia na Educação, mostrando a importância da Multidisciplinariedade no processo da inclusão, bem como a importância da formação de professores, nesta medida de ensino. A terceira parte é constituída por uma reflexão e discussão teórica associada ao tema PIEF, sendo no âmbito deste tema que se apresenta uma estratégia aplicada. Além da apresentação da sua estrutura e forma de implementação, é ainda apresentada uma avaliação e reflexão dos resultados da sua aplicação.

Entre as conclusões do presente estudo, salienta-se a importância da necessidade de existirem mudanças na formação inicial de professores de modo a promover os pressupostos da educação inclusiva e de se fomentar mudanças na dinâmica das escolas de modo a facilitar o trabalho cooperativo entre os professores e as equipas psicopedagógicas.

Palavras-chave: Escola, Educação Inclusiva, Programa Integrado de Educação e Formação.

Abstract

This report aims to make known the teaching activities carried out within the pedagogical internship, held throughout the school year 2020/2021, in the Grouping of Schools of Mealhada. In addition, it is intended to present the study of the theme "Inclusion - Paths of (In)Success in School", which arises due to the strong change in our society, and consequently in our school, our students and teachers, making it essential to search for strategies able to meet the new challenges.

The structure of this report is divided into three essential parts. In the first part a brief characterization of the school, the classes and the geographical framework of the place of training will be made, as well as a brief presentation of the work done with students throughout the school year. Next, the scientific dimension is highlighted, addressing the theme "Inclusive Education", in order to assess the differences between "Normal Education" and "Differentiated Education" and the contribution of Geography in Education, showing the importance of Multidisciplinarity in the process of inclusion, as well as the importance of teacher training in this educational measure. The third part is constituted by a reflection and theoretical discussion associated to the PIEF theme, being in the scope of this theme that an applied strategy is presented. Besides the presentation of its structure and form of implementation, it is also presented an evaluation and reflection of the results of its application.

Among the conclusions of this study, we highlight the importance of the need for changes in initial teacher training in order to promote the assumptions of inclusive education and to promote changes in the dynamics of schools in order to facilitate cooperative work between teachers and psycho-pedagogical teams.

Keywords: School; Inclusive Education; Integrated Education and Training Programme

Índice Geral

Introdução.....	1
Metodologia de investigação.....	3
Capítulo I – Contextualização do Estágio Curricular	4
1. Dinâmicas do Estágio	5
2. Atividades letivas	6
3. A escola e o agrupamento	7
4. Enquadramento geográfico	7
Capítulo II – Enquadramento Teórico	9
1. A Educação Inclusiva	10
1.1 “Ensino Normal/Regular” vs “Ensino Diferenciado/Inclusivo”	12
1.2 A formação de professores na Educação Inclusiva	15
2. A Contribuição da geografia para a Educação	16
2.1 A multidisciplinariedade e a sua importância no processo de inclusão	17
Capítulo III – Enquadramento Metodológico.....	19
1. Programa PIEF – Uma medida de integração	20
2. Estudo de caso: Escola Secundária do Monte da Caparica – PIEF T2	23
2.1 Caracterização do Meio envolvente	23
2.2 Turma do PIEF 2 – 2010/2011.....	25
2.3 Caracterização do corpo docente	27
3.1 Análise do questionário por entrevista estruturada aos alunos.....	28
3.2 Análise do questionário por entrevista semiestruturada aos professores do PIEF T230	
4. O Papel da Geografia na Inclusão	33
Conclusão	34
Referências bibliográficas:	37
ANEXOS	39
ANEXO I	40
ANEXO II	52
ANEXO III	66
ANEXO IV.....	88
ANEXO V.....	93
ANEXO VI.....	97
ANEXO VII.....	101
ANEXO VIII.....	113

Índice de Figuras

Figura 1 Agrupamento de Escolas da Mealhada	7
Figura 2 Enquadramento administrativo do Município da Mealhada.....	8
Figura 3 Diferença entre inclusão e integração	11
Figura 4 Modelos Tradicionais e Modelos de educação inclusiva	14
Figura 5 Localização do concelho de Almada	23
Tabela 1 Características fundamentais da escola tradicional, da escola integrativa e da escola Inclusiva.....	13
Tabela 2 Taxa de abandono precoce de educação e formação (Série 2011 - %) por Local de residência (NUTS - 2013) e Sexo; Anual	20
Tabela 3 Caracterização sociodemográfica dos/as alunos/as	26

Introdução

O presente relatório insere-se no âmbito do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º ciclo e Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O tema explanado, “A Inclusão - Caminhos do (In)Sucesso Escolar”, surgiu como interesse aquando confrontada com a realidade vivenciada enquanto professora no meio escolar.

Estamos perante tempos de grandes mudanças na nossa sociedade, ao nível tecnológico, económico, político e social e isso tem vindo a refletir-se nos alunos, tanto nos seus comportamentos e atitudes como nas suas aprendizagens. Por consequência, as escolas e os professores também têm vindo a adaptar-se. Perante novas realidades, os docentes tiveram necessidade de ir mais além nos seus conhecimentos pedagógicos pois tornou-se fulcral dar respostas, de qualidade, às novas exigências do meio escolar.

Segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), no âmbito da Conferência Mundial sobre as Necessidades Educativas Especiais, as escolas devem adaptar-se para incluir todas as crianças e jovens.

A inclusão é uma realidade, nas nossas escolas, mas nem sempre é fácil de ser aplicada e nem sempre esta é bem conseguida. Da parte das escolas, elas têm, ou deverão ter, como um dos principais objetivos garantir que todos os alunos, independentemente das suas diferenças, obtenham sucesso escolar. Foi no Relatório de Warnock, de 1978, que se fez referência, pela primeira vez, do “conceito de Necessidades Educativas Especiais, englobando não só alunos com deficiências, mas todos aqueles que, ao longo do seu percurso escolar possam apresentar dificuldades específicas de aprendizagem.” (Warnock, 1978:36)

Quando falamos de inclusão não estamos apenas a referir-nos a alunos com “Necessidades Educativas Especiais”, mas também aos adolescentes com insucesso escolar (retenção/abandono), comportamentos desviantes, jovens institucionalizados e oriundos de famílias disfuncionais (violência física, alcoolismo, pais separados, etc.). (Revista Portuguesa de Investigação Educacional, 2018). É neste sentido que surgem programas, a fim de dar respostas a estas novas realidades sociais, nomeadamente o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF).

Assim, tornou-se pertinente, para o presente relatório, estruturar o trabalho em três partes essenciais. Na primeira parte há uma descrição do trabalho realizado no âmbito do estágio pedagógico realizado no Agrupamento de Escolas da Mealhada que, inicialmente, tinha o objetivo de fazer a ponte para o tema alvo de estudo. Na segunda parte dá-se ênfase ao enquadramento teórico do tema Educação Inclusiva, onde se pretende aferir quais as diferenças entre “Ensino Normal” e “Ensino Diferenciado”. Também, ainda foi abordado a contribuição da Geografia na Educação, mostrando a importância da Multidisciplinariedade no processo da inclusão, bem como a importância da formação de professores, nesta medida de ensino.

A terceira parte foi dedicada a um dos programas diferenciados no ensino, o PIEF. Tal como referi anteriormente, enquanto docente deste programa de integração, surgiu o interesse em saber como estes projetos são implementados e se conseguem eliminar, ou diminuir, o insucesso e o abandono escolar. Por outro lado, a minha grande dúvida era “e depois?”, ou seja, estes alunos são acompanhados por uma equipa multidisciplinar até concluírem o 3º ciclo, são orientados, na sua maioria, para cursos profissionais, mas será que o que se trabalhou com eles foi suficiente para terminarem os seus estudos e se tornarem seres humanos capazes de combater as suas dificuldades?

Para tentar responder às minhas grandes questões, tive por base a Escola Secundária do Monte da Caparica, devido a ter sido a escola onde estive a lecionar, analisando os questionários realizados a seis alunos e nove professores inseridos no PIEF.

Desta forma, será apresentada uma caracterização do PIEF tendo em conta em que consiste e a sua estrutura. De seguida, e de forma a podermos entender melhor os resultados do caso de estudo, será feita uma breve descrição do meio envolvente e uma caracterização da turma, alvo de estudo, bem como do seu corpo docente.

Com a realização dos questionários aos alunos e professores, do ano letivo 2010/2011, que frequentaram uma turma PIEF, na Escola Secundária do Monte da Caparica, conseguimos fazer uma análise e discussão dos seus resultados que serão apresentados igualmente.

Para finalizar, apresentaremos a conclusão com uma breve reflexão sobre os resultados obtidos e aferem-se alguns possíveis caminhos a seguir.

Metodologia de investigação

No presente trabalho, ao nível da investigação foi utilizada uma metodologia qualitativa que consistiu na entrevista semiestruturada a 6 docentes e entrevista estruturada a 6 alunos. Na primeira situação, optei por este tipo de entrevista, porque apesar de estruturada, não conduz a respostas fechadas, permitindo ao entrevistado falar livremente, ainda que o entrevistador conduza o tema. Na entrevista aos alunos apliquei algo mais fechado pelas características deste tipo de alunos.

Inicialmente realizou-se um guião, definindo o tema a abordar aos entrevistados e os objetivos da entrevista, para atingir o que pretendíamos com a sua realização. Nesse seguimento, dos objetivos gerais partimos para a organização do inquérito. Depois da recolha de dados a fase seguinte foi a análise e interpretação desses dados.

Na impossibilidade de me deslocar ao Monte da Caparica, todo este trabalho foi realizado por email e por telefone, com a colaboração da equipa multidisciplinar, que continua a manter funções no projeto. É de salientar que esta equipa faz parte de uma rede de parcerias e encontram-se implementados nos bairros sociais do Monte da Caparica, onde estabelecem contacto com os jovens e suas famílias. É de salientar que, neste caso concreto, tanto a TIL como os animadores socioculturais, pertencentes ao projeto, residem no próprio bairro social, o que nos permite ter um maior conhecimento da realidade de cada família.

Os dados foram recolhidos entre junho e o mês de julho.

Após a caracterização dos alunos e docentes, o grande objetivo era tentar perceber como tinha influenciado este programa na vida destes jovens. Por outro lado, tentar perceber por parte dos professores, como viram e sentiram esta vivência, tão diferenciada do ensino regular.

Capítulo I

Contextualização do Estágio Curricular

1. Dinâmicas do Estágio

O estágio curricular pedagógico insere-se no plano curricular do 2º ano do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Universidade de Coimbra. O estágio realizou-se ao longo do ano letivo 2020/2021.

No dia 21 de setembro de 2020, deu-se início às atividades dos estágios MEG, onde podemos conhecer os colegas estagiários, professores cooperantes e coordenação de mestrado. O presente núcleo de estágio, no dia 28 de setembro, reuniu com a sua professora cooperante na Escola Secundária da Mealhada, dando início à atividade na escola. Neste mesmo dia, a Professora Sandra Alves (professora cooperante) apresentou este núcleo ao diretor da escola, que nos acolheu da melhor forma possível. Também nos ajudou a tratar de alguns documentos necessários para a permanência na escola aproveitando para nos apresentar o espaço escolar, docentes e assistentes operacionais. Posteriormente, fomos conhecendo os alunos pertencentes às turmas que iríamos acompanhar.

O ano de estágio tem como objetivo proporcionar alguma prática da profissão de docente, com acompanhamento e orientação, onde se prevê que sejam postas em exercício as competências adquiridas ao longo do percurso académico e que sejam alcançadas novas ferramentas para a o exercício integral da profissão.

Semanalmente, os alunos estagiários, marcavam presença na escola 2 vezes, sendo que houve flexibilidade de horários consoante a disponibilidade dos mesmos, tendo em consideração que ambos eram trabalhadores-estudantes. Deste modo, os estagiários acompanharam duas turmas: o 9º C e o 11º C. Os alunos receberam-nos muito bem e aquando das nossas aulas mostraram sempre uma forte participação e interesse.

Este ano letivo não decorreu como previsto dadas as alterações trazidas pela pandemia. Esta situação afetou o estágio na medida em que a partir do mês de janeiro a atividade letiva deixou de ser presencial passando a ser usado o ensino à distância. Contudo penso que todos tivemos grandes perdas. Na minha opinião, não se conseguiu criar um trabalho de equipa de estágio, não tendo sido mesmo nenhum tempo destinado ao mesmo.

Segue-se uma descrição um pouco mais detalhada das atividades desenvolvidas aos longo deste ano letivo.

2. Atividades letivas

A atividade letiva foi exercida em duas turmas: no 9º C e no 11º C. A primeira era constituída por 20 alunos, 11 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. A segunda tinha 13 alunos, havendo 2 do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

Embora tivéssemos que aplicar as estratégias didáticas nas duas turmas, sem querer, acabámos por cada um dos alunos estagiários, tender mais para um dos níveis escolares. No meu caso, debrucei-me mais sobre as matérias lecionadas no 9º ano.

As primeiras semanas foram mais de observação direta. Pretendia-se assistir às aulas dadas pela docente cooperante Paula Sandra Coimbra Alves. No decorrer destas aulas foi possível conhecer e distinguir o carácter e o ritmo das turmas, tomar como exemplo a atuação da professora e com estas informações começar a delinear os contornos da estratégia a aplicar.

O estágio pedagógico tem alguns elementos de carácter obrigatório, transversais a todas as turmas de mestrado que se encontram nesta fase. Destes, destacam-se os momentos fulcrais da avaliação dos estagiários, duas aulas assistidas pelo professor orientador:

A primeira aula assistida realizou-se no dia 5 de janeiro de 2021, decorrendo com a turma 9º C, em duas aulas de 50m. Na mesma, foi abordado o tema “os Contrastes de Desenvolvimento” e teve como objetivo geral compreender e comparar o grau de desenvolvimento dos países com base em indicadores de desenvolvimento e crescimento. (Anexo I)

Devido ao confinamento, a que todos nós estivemos sujeitos, a segunda aula assistida foi remarcada para 25 de maio, também lecionada na turma do 9º C, em duas aulas de 50m. O tema abordado foram os “Riscos, Ambiente e Sociedade” e teve como objetivo geral compreender a importância da atmosfera no equilíbrio térmico da Terra. Esta aula não correu da melhor forma, devido a vários fatores, embora tenha consciência que tenha sido, em grande parte, à falta de preparação da mesma. (Anexo II).

3. A escola e o agrupamento

A Escola Secundária da Mealhada, sede do agrupamento, encontra-se implantada numa área de vinte cinco mil metros quadrados, situada junto à IC2. É uma escola que se encontra em fase de remodelação pois apresenta muitos pontos fracos para os alunos. Contudo, face à realidade em que vivemos, verificamos que as salas de aula se encontram todas equipadas com meios tecnológicos, de forma a que todos os alunos e professores possam ter aulas assíncronas, em caso de confinamento.

A Escola Secundária da Mealhada, neste momento, devido às obras, encontra-se com pouco espaço exterior para os alunos.

Cód. DGEEC	Cód. IGeFE	Escola	Ensinos
111920	403908	Escola Secundária de Mealhada	DE
111568	203907	Escola Básica de Antes, Mealhada	B
111449	206581	Escola Básica de Barcouço, Mealhada	B
111759	255191	Escola Básica de Casal Comba, Mealhada	B
111226	230546	Escola Básica de Luso, Mealhada	AB
111876	232245	Escola Básica n.º 1 de Mealhada	AB
111001	294767	Escola Básica n.º 1 de Pampilhosa, Mealhada	B
111869	343559	Escola Básica n.º 2 de Mealhada	CD
111232	342506	Escola Básica n.º 2 de Pampilhosa, Mealhada	CD
111515	602462	Jardim de Infância de Antes, Mealhada	A
111890	607230	Jardim de Infância de Canedo, Mealhada	A
111527	607551	Jardim de Infância de Carqueijo, Mealhada	A
111368	608427	Jardim de Infância de Casal Comba, Mealhada	A
111110	623350	Jardim de Infância de Pampilhosa, Mealhada	A
111591	627008	Jardim de Infância de Quinta do Valongo, Mealhada	A

A -> Pré-escolar; B -> 1.º Ciclo; C -> 2.º Ciclo; D -> 3.º Ciclo; E -> Secundário; M -> Artístico; O -> Profissional;

Figura 1 Agrupamento de Escolas da Mealhada

Fonte: *Hermenegildo, H. (2019)*

Como anteriormente dito, a Escola Secundária da Mealhada, é a sede do agrupamento e é constituído por seis jardins de infância, seis escolas do 1º ciclo, duas com pré-escolar (Escola básica do Luso e a escola básica nº1 da Mealhada). Ainda no ensino básico, há duas escolas com 2º e 3º ciclo, sendo estas as escolas básicas da Mealhada e Pampilhosa, e por fim, a escola secundária de Mealhada com 3º ciclo e Secundário.

4. Enquadramento geográfico

A Escola Básica nº2 da Mealhada, localiza-se no concelho da Mealhada, que pertence à região Centro de Portugal (NUT II) e à sub-região do Baixo Mondego (NUT III).

O Município da Mealhada ocupa uma área de 111 km² e está dividida em 6 freguesias: Mealhada, Ventosa do Bairro e Antes, Barcouço, Casal Comba, Luso, Pampilhosa e Vacariça, tendo sido elevada a cidade a 26 de agosto de 2003.

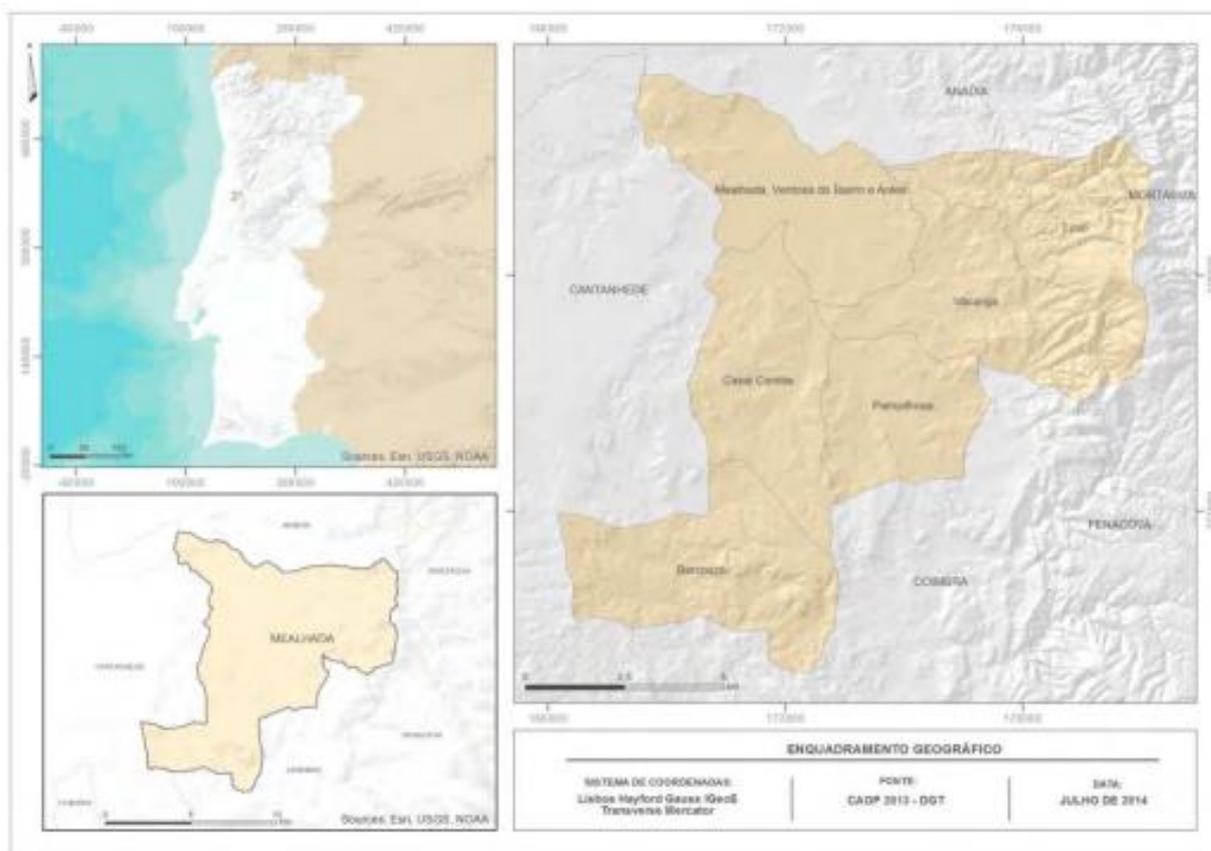


Figura 2 Enquadramento administrativo do Município da Mealhada

Fonte: Carta Social do Município da mealhada (acedido a 11/01/2022)

Situada na Beira Litoral, a Mealhada é limitada a Norte por Anadia, a Este por Mortágua e Penacova, a Sul por Coimbra e a Oeste por Cantanhede.

O Município da Mealhada conta com aproximadamente 20.000 indivíduos, com uma densidade populacional de 164,4 hab/Km², segundo os dados de 2011. Comparativamente aos dados de 2010, este município tem vindo a perder população nacional e estrangeira, registando-se assim uma tendência para o seu envelhecimento (Pordata, 2020).

Capítulo II

Enquadramento Teórico

1. A Educação Inclusiva

A educação inclusiva, ao longo dos anos, tem vindo a sofrer alterações.

Inicialmente era um conceito muito focado para as crianças/jovens portadoras de deficiências motoras e/ou psicológicas, cujo objetivo prendia-se com a inclusão na escola regular, das mesmas.

Segundo Costa (2015), a filosofia da inclusão vem defender uma educação eficaz para todos, sustentada em que as escolas, enquanto comunidades educativas, devem satisfazer as necessidades de todos os alunos, sejam quais forem as suas características pessoais, psicológicas ou sociais, independentemente de ter ou não deficiência. Aqui partimos para uma perspetiva mais alargada, do conceito inicial, assente no princípio de que a educação inclusiva é, antes de tudo, uma questão de direitos humanos, já que defende que não se pode segregar nenhuma pessoa como consequência da sua deficiência, da sua dificuldade de aprendizagem, do seu género ou etnia.

Foi em 1994, na Declaração de Salamanca, que houve um reconhecimento decisivo da educação inclusiva, deixando a filosofia de “ajudar a pessoa com deficiência a adaptar-se aos requisitos da sociedade, mas de modificar a estruturas sociais de modo a que pudessem responder às necessidades das pessoas com problemas específicos” (Costa, 1999).

Segundo Silva (2010), o paradigma de escola inclusiva é o de e para todos. Para este, a escola inclusiva é um grande desafio para todos aqueles que são responsáveis pela educação de crianças, jovens e adultos, visto ter acesso a uma escola de qualidade faz a diferença.

O mesmo autor refere ainda que o conceito de escola para todos vem alargar o âmbito da ação da escola, pois mobiliza e interage com os recursos disponíveis e exige uma participação dinâmica por parte de todos os professores, técnicos da comunidade escolar e dos pais. Assim, torna-se fulcral mudanças a nível estrutural e concetual para que todos os alunos usufruam de uma educação plena.

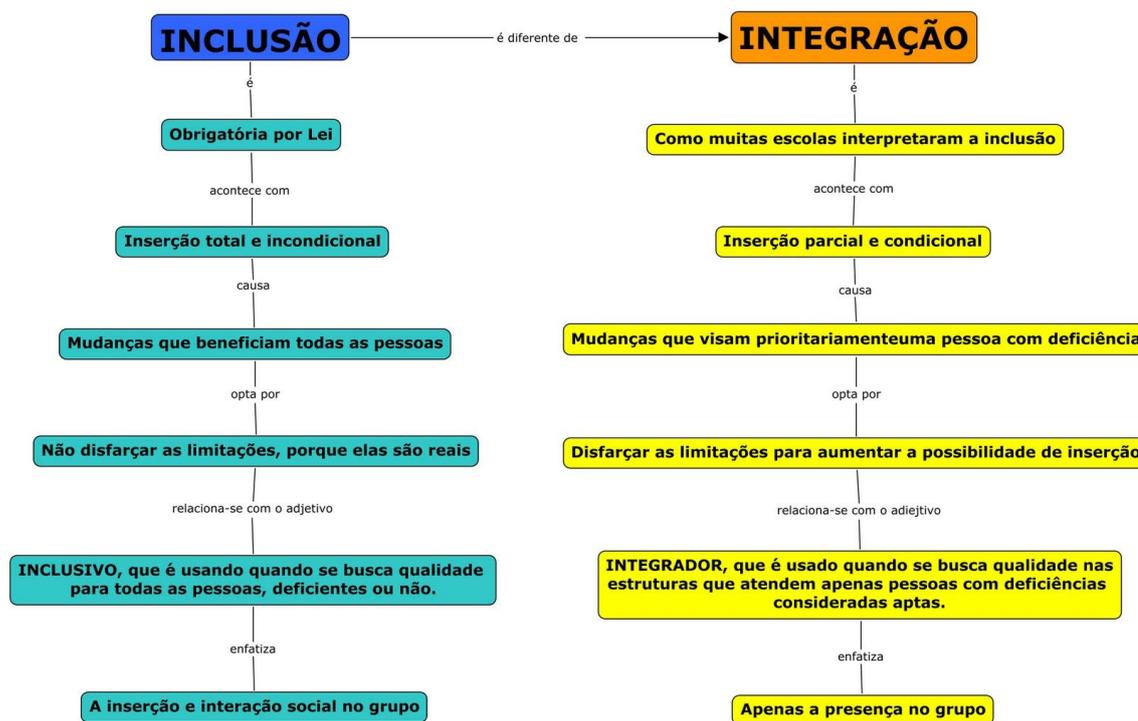


Figura 3 Diferença entre inclusão e integração

Fonte: <http://adriartesempre.blogspot.com/2017/03/> (acedido em 26 de novembro de 2021)

Segundo Costa (2015), fazendo referência a outros autores (Aincow & Ferreira, 2003; Clarke et al.1997; UNESCO, 1994), a inclusão tem vindo a ser apontada como uma solução para o problema da exclusão educacional. Contudo, continuam a existir obstáculos que dificultam o desenvolvimento de uma educação inclusiva. Costa (2015) continua baseando-se em outros autores (Clark et al., 1997; Correia, 1999; Fischer, Roach, & Frey, 2002), que neste sentido, importa realçar o estigma e os preconceitos face àqueles que são mais diferentes, cujas experiências académicas e sociais são mais empobrecidas, tornando mais difícil o desenvolvimento das potencialidades de cada um, assim como a difícil apropriação de competências complexas, remetendo os mais diferentes para uma situação de exclusão educacional e social

Rodrigues (2003) coloca uma questão difícil de responder, mas muito pertinente, na sequência da constatação das difíceis condições que as pessoas com dificuldades ou vítimas de exclusão, encontram na sociedade: “se a sociedade está longe de ser inclusiva, poderá ser a escola uma ilha de inclusão num mar de exclusão?”

1.1 “Ensino Normal/Regular” vs “Ensino Diferenciado/Inclusivo”

O mundo está em mudança e a educação também precisa de mudar. A sociedade estão a sofrer profundas transformações e isso exige novas formas educacionais, ou seja, não chega ser alfabetizado. É necessário focarmo-nos em mais justiça, equidade social e solidariedade mundial. Hoje em dia não chega o acesso à educação, mas também a qualidade da mesma.

Desde 2000 que existiu grandes progressos na educação que se refletiu em melhores taxas de matrícula escolar, menos crianças fora da escola, maiores taxas de alfabetização e uma menor diferença de géneros. Contudo, esta evolução não foi suficiente, continuando a haver crianças que não têm conhecimentos básicos, mesmo frequentando os 4 anos na escola, revelando assim que ter acesso à escola não significa que esta seja de qualidade. Por outro lado, continua a existir uma grande desigualdade entre países.

Para além de fatores tradicionais de marginalização na educação como género e residência urbana ou rural, continua a haver o fator da língua, situação de minoria e incapacidade.

As crianças com deficiência são exemplo pois são frequentemente esquecidas, estando privadas do seu direito à educação. (Declaração de Incheon, 2015)

Segundo a Declaração de Salamanca, a educação deve processar-se em escolas regulares, escolas inclusivas, que devem proporcionar os meios mais capazes para combater atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias. Para que as escolas se tornem mais inclusivas, segundo Ainscow (2000), é necessário que assumam e valorizem os seus conhecimentos e as suas práticas, que considerem a diferença um desafio e uma oportunidade para a criação de novas situações de aprendizagem, que sejam capazes de inventariar o que está a impedir a participação de todos, que se disponibilizem para utilizar os recursos disponíveis e para gerar outros, que utilizem uma linguagem acessível a todos e que tenham a coragem de correr riscos. Para Correia (2008), a Escola inclusiva é aquela “onde toda a criança é respeitada e encorajada a aprender até aos limites das suas capacidades”. (Faria, 2011)

A escola inclusiva tem como princípio a igualdade de oportunidades educativas e sociais para todos os alunos; pretendendo assim que todos os alunos sejam incluídos no mesmo tipo de ensino. Não deve existir a divisão entre o ensino regular e a educação especial. A educação deve ser plena, livre de preconceitos e que valorize as particularidades ou diferenças de cada um. Pois, quanto mais o ambiente, em que se encontram, for rico e variado, mais as pessoas aprendem e evoluem. Consequentemente, teremos uma escola de e para todos. (Silva, 2010)

Escola Tradicional	Escola Integrativa	Escola Inclusiva
Indivíduo abstrato	Categorias	Indivíduos e grupos
Produto	Produtos diferentes	Processo
Uniformização	Dicotomia metodológica	Diferenciação
Curriculum contruído	Dicotomia Curricular	Curriculum em construção

Tabela 1 Características fundamentais da escola tradicional, da escola integrativa e da escola Inclusiva

Fonte: Faria, 2011 (adaptado de Rodrigues, 2001)

Segundo Faria (2011), fazendo referência a Rodrigues (2001), a escola integrativa é uma continuação da escola tradicional porque mantém o seu “carácter seletivo, monocultural e de exclusão”. A escola inclusiva surge na continuação da escola integrativa. A Escola Integrativa é, tal como o nome indica, a escola que tinha o objetivo de integrar todos os alunos. Porém, só conseguiu fazer a integração de alguns alunos, tornando-se assim bastante semelhante à escola tradicional. A escola tradicional constituiu-se “para homogeneizar as experiências académicas para todos os alunos” (Rodrigues, 2001, p. 16). Segundo Rodrigues (2003), a Escola Inclusiva ao promover uma cultura de escola de sucesso para todos os alunos dá respostas educacionais com qualidade a todos eles, rompe com os valores da escola tradicional e integrativa, de escola como estrutura de reprodução e com conceitos de um desenvolvimento curricular único, de aluno - padrão estandardizado e de aprendizagem como transmissão.

Assim, podemos visualizar, os principais aspetos dos modelos tradicionais de educação e dos modelos de educação inclusiva, conforme a Figura I. 2 (Morgado, 2003a, p. 49).

Modelos tradicionais	Modelos de educação Inclusiva
1. Alguns alunos não estão na sala de aula	1. Todos os alunos estão na sala de aula.
2. O professor é o único responsável pelo processo de ensino e aprendizagem.	2. Equipas de profissionais partilham responsabilidades.
3. Os alunos aprendem com o professor e o professor resolve os problemas.	3. Os alunos e o professor desenvolvem o seu trabalho de forma cooperado.
4. Os alunos são agrupados por níveis de competência.	4. Os grupos de alunos são constituídos de forma heterogénea.
5. O processo de ensino dirige-se ao aluno médio.	5. O processo de ensino considera os diferentes tipos de competências, capacidades e ritmos dos alunos.
6. A colocação do aluno no ano da escolaridade corresponde ao conteúdo curricular desse ano.	6. A colocação do aluno num ano de escolaridade e a estrutura curricular que é utilizada são independentes.
7. O ensino é demasiado passivo, competitivo, muito formal.	7. O ensino é activo, criativo e cooperado.
8. O apoio educativo é providenciado sobretudo fora da sala de aula.	8. O apoio educativo é providenciado dentro da sala de aula.
9. Os alunos com NEE são frequentemente excluídos das actividades desenvolvidas.	9. As actividades são planeadas de forma a permitir a participação de todos os alunos ainda que a diferentes níveis.
10. O professor é responsável pelo processo educativo dos alunos “sem problemas” e a Equipa dos Apoios Educativos é responsável pelos alunos com NEE.	10. O professor da classe, o professor de apoio e outros técnicos partilham a responsabilidade da educação de todos os alunos.
11. Os alunos são avaliados usando dispositivos Normalizados.	11. Os alunos são avaliados usando dispositivos diferenciados.
12. O sucesso dos alunos é avaliado considerando os objectivos curriculares normalizados.	12. O sucesso é atingido quando se atingem os objectivos do grupo e de cada aluno.

Adaptado de Giangreco, Cloninger, Dennis e Edelman (1994), citado por Morgado (2003a, p. 49)

Figura 4 Modelos Tradicionais e Modelos de educação inclusiva

Fonte: Faria, M. (2011)

A Educação Inclusiva passa a assumir uma dimensão mais lata, uma vez que não só abarca a escola regular como toda a sociedade que se quer inclusiva e solidária (Costa, 2006). Porém, é necessário fazer uma reestruturação da escola inclusiva enquanto instituição (Rodrigues, 2006), incluindo todos os alunos no ensino regular e encarando-os a todos como diferentes e necessitados de uma pedagogia diferenciada (Perrenoud, 1996) e de um atendimento de forma eficaz às

necessidades de cada um. A própria política educativa deve promover sistemas educativos inclusivos, segundo um modelo organizativo e funcional, associados a uma escola que procura responder à diferença (Rodrigues, 2001), de forma apropriada e com qualidade.

Ao falarmos em inclusão temos que falar em Educação Especial. Como refere Correia (2008), “A educação especial e a inclusão constituem-se (...) como duas faces da mesma moeda, ambas caminham lado a lado para não só assegurar os direitos fundamentais dos alunos com NEE, mas também para lhes facilitar as aprendizagens que um dia os conduzirão a uma inserção social harmoniosa, produtiva e independente” (p.19) A Educação Especial pode então ser definida como: “uma modalidade de ensino que visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas com necessidades educativas especiais, condutas típicas ou altas habilidades, e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino” (Silveira e Almeida, 2005, p.30). Porém o termo “Especial”, no conceito de Educação Especial é definido por Correia (2008), “como sendo apenas e só (...) um conjunto de recursos que a escola e as famílias devem ter ao seu dispor para poderem responder mais eficazmente às necessidades de um aluno com NEE” (p.19)

Segundo alguns autores, podemos afirmar que a escola convencional não está preparada para lidar com um público de características tão específicas.

1.2 A formação de professores na Educação Inclusiva

A inclusão implica grande heterogeneidade dentro da sala de aula, pelo que, os professores são obrigados a procurarem “estratégias e procedimentos que proporcionem a todos os alunos as melhores condições e oportunidades de aprenderem e interagirem, de forma solidária e cooperativa, desenvolvendo ao máximo as suas competências académicas e sociais.” (Leitão, 2010:20)

Segundo Costa (2015), a investigação tem demonstrado que os professores que desempenham funções em escolas inclusivas colaboram e planeiam mais, aprendem novas técnicas uns com os outros, participam num maior número de atividades de formação, demonstram vontade de mudar e utilizam uma diversidade de estratégias para ensinar.

Em conformidade com o Relatório da Agência Educação Inclusiva e Práticas de Sala de Aula (março, 2003) “a inclusão depende largamente da atitude dos professores face aos alunos com necessidades educativas especiais, das suas perceções sobre as diferenças na sala de aula e da sua vontade de lidar, eficazmente, com essa diferenças. Nesta medida, o mesmo relatório, refere que “todos os professores devem ter atitudes positivas em relação a todos os alunos e disponibilidade para trabalhar em colaboração com os colegas”.

Os professores de ensino regular e os professores de educação especial que trabalham em conjunto, apresentam níveis de eficiência e competência superiores aos dos colegas que ensinam segundo modelos tradicionais, devido ao elevado nível de empenho e profissionalismo que tais práticas educativas implicam. (Costa, 2015)

Uma das fontes de preocupação dos professores é o sistema de regras de comportamento dos alunos que sendo estabelecidas previamente, proporcionam comportamentos mais eficazes, promovendo a autonomia, a regulação e a cooperação de todos os alunos e professores num clima favorável aos processos de ensino/aprendizagem (Morgado, 2004).

2. A Contribuição da geografia para a Educação

Como indivíduos, pensamos diferentemente e apresentamos necessidades diferenciadas, mas a Geografia, como ciência ou campo de conhecimento. Tem a possibilidade de trazer para discussão as questões de inclusão social e educacional.

Tomando como exemplo o livro de castro (1984), a geografia da Fome, podemos refletir obre uma situação de desigualdade e inclusão.

Ao conceber a inclusão educacional na geografia, também se torna necessário pensar na inclusão de múltiplos fatores pois não estará apenas incluído o aluno com necessidades especiais, em sala de aula, mas todos os alunos ditos “normais”, em um processo político, pedagógico, mas também ideológico, de ensinar a conhecer o outro e respeitar as diferenças para viver em sociedade.

A essência da Inclusão Educacional está diretamente relacionada à geografia como campo de conhecimento formador de cidadãos conscientes, no seu meio. Esse contexto inclusivo é pertinente à Geografia quando se tenta fazer uma reflexão sobre as desigualdades sociais.

Existe uma relação intrínseca entre inclusão educacional e o ensino da Geografia pois têm objetivos semelhantes frente à autonomia dos indivíduos e à formação cidadã.

Torna-se fulcral os Geógrafos, formados e em formação, levarem em conta a questão da inclusão. É preciso discuti-la no âmbito escolar, pensando não apenas na inclusão de educandos com necessidades especiais, na sala de aula, mas a inclusão de todos os alunos, num mundo inclusivo. Esse mundo contempla todos os alunos.

Segundo Kaercher (2003, p. 50):

A principal tarefa de um professor de geografia, talvez nem seja a de ensinar geografia, mas realçar um compromisso que ultrapassa a Geografia: fortalecer os valores democráticos e éticos. A partir de nossas categorias centrais (espaço, território, Estado, região, natureza, sociedade, etc) expandirmos cada vez mais o respeito ao outro, ao diferente.

2.1 A multidisciplinariedade e a sua importância no processo de inclusão

No 1º seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva (2012), fez-se referência a Damiani (2008) como este tendo afirmado que o trabalho colaborativo na educação pode ser entendido como aquele realizado por um grupo de pessoas, destinado a um mesmo objetivo, em que os componentes compartilham as decisões e responsabilidades pelo que é produzido coletivamente, conforme as possibilidades.

No trabalho coletivo pretende-se que haja uma partilha de conhecimentos ou mesmo do que não se sabe, pois, só assim conseguirão superar os limites do grupo.

Os desafios que se colocam a estas equipas não se prendem apenas com o aluno, mas também o contexto onde está inserido, pois as vivências extraescolares são refletidas no seu quotidiano.

Embora o que ainda se sinta nas escolas é a incapacidade de trabalhar de uma forma multidisciplinar, esta é essencial para um trabalho de cooperação, possibilitando o diálogo entre as diversas áreas.

Segundo Oliveira, A. (2015), estamos perante o paradigma de formação-ação que necessita de solidariedade entre os diferentes profissionais que constituem as equipas multidisciplinar. Cada área de conhecimento humano tem as suas especificidades e o grande enriquecimento é cada profissional sair da sua individualidade para partilhar os seus conhecimentos para alcançarem o objetivo comum.

Para Santoro (S/D), a formação de uma equipa multidisciplinar na escola prende-se pelo surgimento de questões sociais, muitas vezes fora do alcance do professor.

Essa equipa multidisciplinar terá como objetivo: articular, intervir e ser mediador entre escola-alunos-famílias e políticas públicas.

É de realçar que no que diz respeito a crianças/jovens em contexto de exclusão, muitas das vezes são os problemas sociais que acabam por interferir no meio escolar, como por exemplo, pais ausentes, drogas, desemprego dos pais.

A inserção de uma equipa multidisciplinar, na política de educação, impõe o desafio de construir uma intervenção qualificada, onde a equidade e justiça social sejam prevalectidos.

Para se transformar um sistema educacional é preciso que todos os envolvidos no processo educativo estejam comprometidos com o mesmo objetivo. (Santoro, S/D)

Capítulo III

Enquadramento Metodológico

1. Programa PIEF – Uma medida de integração

Na atualidade, a escola apresenta desafios no que diz respeito aos jovens com comportamentos desviantes. Existe um profundo conflito na relação entre a escola e os adolescentes e jovens considerados autores de comportamentos desviantes.

O programa PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação), foi implementado nas escolas portuguesas, com o objetivo principal de desenvolver a cidadania e promover as inclusões escolar e social de jovens considerado de risco ou em exclusão social. O PIEF encontra-se inserido no Ministério do Trabalho e da Solidariedade social e ao Ministério da Educação, embora exista uma vasta rede de parceiros de diferentes órgãos e instituições, que se articulam para alcançar respostas nas áreas educacional e social.

Os alunos que integram estas turmas, regressam à escola como sendo a última oportunidade para alcançarem a escolaridade obrigatória. O programa pretende também ingressar os jovens numa profissão, projetando-o num percurso de trabalho.

Local de residência (NUTS - 2013) (1)	Taxa de abandono precoce de educação e formação (Série 2011 - %) por Local de residência (NUTS - 2013) e Sexo; Anual (3)											
	Período de referência dos dados (2)											
	2017			2018			2019			2020		
	Sexo											
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Portugal	12,6	15,3	9,7	11,8	14,7	8,7	10,6	13,7	7,4	8,9	12,6	5,1
Continente	11,9	14,4	9,4	11,2	14	8,3	10,1	13,1	7	8,4	12,1	4,5
Norte	12,8	16,4	9,1	10,1	12,8	7,3	9,5	14,7	4,1	10,5	17,7	
Centro	10,5	13,8	7,1	10,5	14,2	6,7	7,9	9,6	6,2	6	6	5,9
Área Metropolitana de Lisboa	10,8	9,9	11,7	11,1	12,9	9,3	10,4	11,6	9,3	7	9,8	
Alentejo	12,9	18,5		14,3			12,7					
Algarve	17,1			20,1			19,9					

Tabela 2 Taxa de abandono precoce de educação e formação (Série 2011 - %) por Local de residência (NUTS - 2013) e Sexo; Anual

Fonte: <http://www.ine.pt>, Quadro extraído em 10 de Janeiro de 2022 (00:17:53)

Com base no Regulamento de constituição e funcionamento de turmas com Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), 2018/2019, iremos explicar as ideias principais deste programa.

A medida PIEF foi criada no âmbito do Plano de Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil PEETI, tendo sido revista e reformada pelo despacho conjunto n.º 948/2003 dos Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho, publicado a 26 de setembro, e n.º 171/2006, de 12 de janeiro, dos mesmos ministérios.

O principal objetivo, deste programa, é promover a certificação escolar dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino Básico e profissional, de menores a partir dos 15 anos em situação de abandono escolar. Aliado a essa certificação, pretende desenvolver, no jovem, uma mudança de postura, possibilitando-lhe adquirir hábitos e comportamentos, fazendo face às ações negativas.

O primeiro passo para a implementação desta medida é reintegrar o jovem na escola, pretendendo que ele integre uma turma PIEF, com o objetivo de desenvolver competências escolares, profissionais, pessoais e sociais que futuramente lhes permitirão exercer uma cidadania participativa.

O PIEF é uma medida socioeducativa, de caráter temporário e excecional, a adotar depois de esgotadas todas as outras medidas de integração escolar, concretizada mediante a implementação de um Plano de Educação e Formação (PEF) que visa favorecer o cumprimento da escolaridade obrigatória e a inclusão social, conferindo uma habilitação escolar de 2º ou 3º ciclo.

São destinatários desta medida os jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, à data de 1 de setembro, que, no momento da sinalização não frequentem, injustificadamente, as atividades letivas previstas no calendário escolar há mais de 20 dias úteis, seguidos ou interpolados, e estejam abrangidos por, pelo menos, uma das seguintes situações socioeducativas:

- a) Desfasamento etário igual ou superior a 3 anos face ao nível de ensino frequentado, tendo por referência um percurso escolar iniciado aos 6 anos de idade;
- b) Situação de risco e/ou perigo conforme Artigo 2.º da Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, na sua redação atual;
- c) Existência de processos de promoção e proteção, tutelares educativos ou processos penais.

Podem ainda ser destinatários os alunos que, frequentando a escola, revelam insucesso escolar grave.

Poderão ainda ser integrados, na medida, jovens que tenham processo de promoção e proteção, processo tutelar educativo ou processo penal em curso, mediante análise casuística e autorização extraordinária da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares.

A título excepcional, no ano letivo de 2017/2018, e depois de esgotadas todas as outras possibilidades, os alunos com idade igual ou superior a 15 anos completados até 1 de setembro inclusive, que não tenham concluído o 1.º ciclo do ensino básico, e se encontrem em risco de marginalização, exclusão social e abandono escolar, podem, mediante autorização dos respetivos encarregados de educação, frequentar uma turma mista (PIEF de Transição do 1.o para o 2.o ciclo com PIEF T1), desde que no agrupamento funcione uma turma PIEF Tipo 1.

Durante os anos letivos 2009/2010 e 2010/2011 tive a oportunidade de lecionar na Escola Secundária do Monte da Caparica, considerada uma escola TEIP (Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária). A presente escola acolhe o projeto PIEF lectionei, em ambos os anos letivos, tendo sido diretora de turma no último ano.

Não posso deixar de admitir que o choque com uma realidade tão diferente da minha foi difícil de a compreender e de me integrar. Contudo, depois de aprendermos a darmos a oportunidade de conhecer o “desconhecido”, tudo faz sentido e a partir daí tudo se torna mais fácil. Sem dúvida que as minhas dificuldades, os meus tabus e as minhas experiências com os alunos, são o grande motivo deste trabalho e por isso ter escolhido esta escola/programa para objeto de estudo.

2. Estudo de caso: Escola Secundária do Monte da Caparica – PIEF T2

2.1 Caracterização do Meio envolvente

O Agrupamento está localizado no concelho de Almada, distrito de Setúbal, Área Metropolitana de Lisboa.

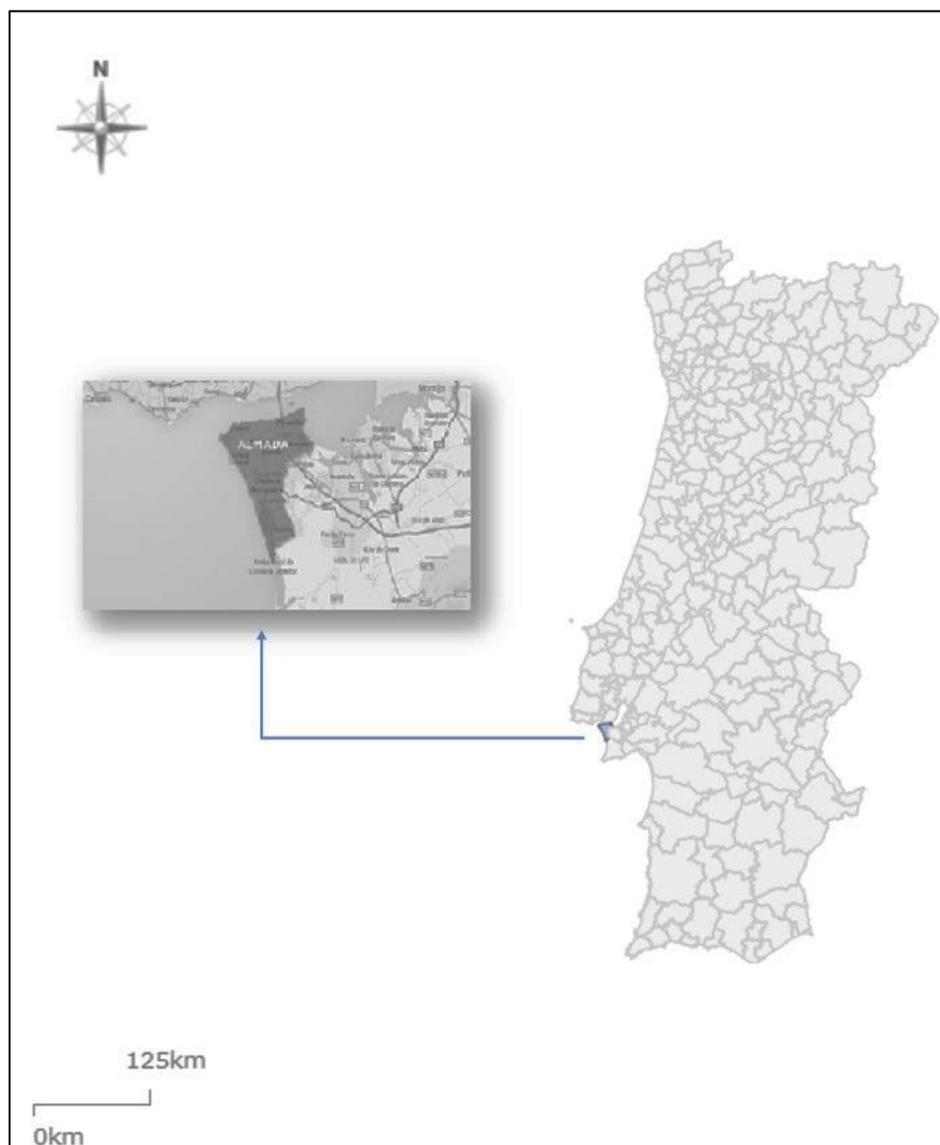


Figura 5 Localização do concelho de Almada

Fonte: PORDATA

As escolas que o constituem são a Escola Básica da Costa da Caparica (EBCC), a Escola Básica José Cardoso Pires (EBJCP), a Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância da Costa da Caparica, localizadas na freguesia da Costa da Caparica; a Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância da Vila Nova da Caparica

(EBI/JIVNC) e a Escola Secundária do Monte de Caparica (ESMC), localizadas na União das Freguesias Caparica-Trafaria.

Nas zonas geográficas envolventes das escolas vivem grupos populacionais com perfis socioeconómicos particulares. Os alunos, que frequentam estas escolas, são provenientes de zonas da cidade onde predomina um estrato social de classe média e de bairros degradados, que alojam uma população muito diversificada.

A situação demográfica do concelho de Almada traduz-se, nos últimos anos, num aumento da população residente que se deveu, sobretudo, a saldos migratórios positivos, tanto com origem na mobilidade residencial, como com origem nos movimentos das migrações internacionais. Entre a população estrangeira, que habita o concelho, prevalecem imigrantes brasileiros e africanos, nomeadamente oriundos de países da CPLP.

A população, aqui residente, apresenta uma taxa de escolaridade muito baixa e uma taxa de desemprego muito elevada.

O concelho apresenta-se, assim, como um mosaico multicultural que exige um esforço ao nível das políticas de integração de modo a quebrar barreiras e a mitigar potenciais riscos sociais.

Segundo o estudo realizado pelo Agrupamento de Escolas da Caparica, os alunos que frequentam as escolas do Agrupamento, e os contextos familiares em que estão inseridos, refletem, em grande parte, aquela que é a realidade socioeconómica e sociocultural do concelho. As situações de desinserção sociocultural, as carências socioeconómicas e a ausência de perspectivas de futuro têm implicações diretas nos percursos escolares dos alunos e na vida da unidade orgânica. Do ponto de vista escolar, têm-se evidenciado problemas relacionados com o insucesso e com o abandono escolar precoce.

Os casos de sinalização à CPCJ de Almada evidenciam situações de absentismo e de abandono escolar, mas também de negligência e de maus tratos, denunciando condições familiares problemáticas das crianças e jovens residentes.

Com esta contextualização, do meio onde vivem os alunos, podemos desde já perceber a necessidade da existência de percursos diferenciados, nomeadamente o Programa Integrado de Educação e Formação, nestas escolas.

É de salientar que estas escolas apenas têm ao dispor este tipo de ensino porque são consideradas escolas em Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP).

2.2 Turma do PIEF 2 – 2010/2011

Tal como já podemos aferir, a metodologia de ensino no PIEF é diferenciada, pautada por um currículo flexível, embora indo ao encontro do currículo nacional. Assim, cada turma tem o seu projeto curricular, pretendendo ter em conta as características dos alunos, bem como do meio envolvente, para combater o insucesso e abandono escolar. Contudo, devido à grande heterogeneidade, dentro de cada turma, este projeto também olha para o aluno como ser individual, daí serem implementados os PEF. Estes têm 3 etapas, segundo Marques (2012): preparação (avaliação diagnóstica), Execução (integração do menor em qualquer altura do ano letivo) e Avaliação (avaliação da evolução do PEF e avaliação final). É por estes motivos que, neste ensino diferenciado, é fulcral o trabalho em equipa: trabalho interdisciplinar; ligação permanente com o TIL (Técnico de Intervenção Local), pois é este elemento que faz a ponte entre a escola e as famílias; ligação estreita com a equipa multidisciplinar que trabalha com estes alunos, tanto na escola como no meio onde estes vivem, entre outros parceiros.

A escolha da turma e do ano alvo de análise deveu-se ao facto de ter sido docente da mesma, o que me permitiu ter uma visão diferente do que é e como funciona o PIEF.

A tabela seguinte ajuda-nos a analisar a turma do ponto de vista sociodemográfico.

Sexo	Idade	Escolaridade (ano)	Nº de retenções	Problemática	Encarregado de Educação
Masculino	18	6º	2	Absentismo Escolar	tia
Masculino	16	6º	S/D	Abandono Escolar	mãe
Masculino	18	6º	3	Absentismo/Abandono Escolar	avó
Masculino	17	6º	2	PIEF T1 (continuidade)	mãe
Masculino	17	6º	2	PIEF T1 (continuidade)	mãe
Masculino	15	6º	2	Absentismo/Abandono Escolar	mãe
Masculino	17	6º	5	Insucesso/Absentismo Escolar	mãe
Masculino	17	6º	2	Abandono Escolar	mãe
Feminino	17	6º	5	PIEF T1 (continuidade)	pai
Masculino	16	7º	2	Desmotivação/Absentismo Escolar	mãe
Masculino	17	6º	2	PIEF T1 (continuidade)	mãe
Masculino	18	6º	3	Absentismo Escolar	avó
Feminino	17	6º	2	PIEF T2 (Não concluiu)	mãe
Masculino	16	6º	2	PIEF T1 (continuidade)	Institucionalizado
Feminino	16	6º	2	Abandono Escolar	mãe

Tabela 3 Caracterização sociodemográfica dos/as alunos/as

Fonte: Dados obtidos enquanto D.T.

No início do ano letivo, a turma referente ao PIEF 2 (3º ciclo) era composta por 15 alunos. Refiro “no início do ano letivo” porque neste programa os alunos podem obter as suas certificações ao longo do ano e podem ser inseridos novos alunos, também ao longo do ano (por exemplo, quando obtêm a certificação de 2º ciclo podem passar a integrar a turma do 3º ciclo).

A presente turma era constituída por 12 rapazes e 3 raparigas.

As idades variavam entre os 15 e os 18 anos.

No que concerne à escolaridade dos mesmos, 14 alunos tinham concluído o 6ºano e 1 tinha concluído o 7ºano (integrou a turma PIEF T2 durante o ano letivo em que estava a frequentar o 8ºano, devido à sua forte desmotivação e absentismo).

O número de retenções analisado por si só não nos daria a informação correta pois a maioria destes alunos apresenta apenas 2 retenções, o que parece ser um valor injustificável para um aluno ser integrado no PIEF. Mas a razão das retenções apresentarem-se baixas devem-se a vários indicadores, nomeadamente o abandono escolar.

Após a análise das informações dos alunos, podemos constatar que 9 destes alunos encontram-se inseridos no PIEF devido ao abandono/absentismo escolar. Os outros 6 alunos, embora tenham tido o mesmo motivo ou insucesso escolar, no ano letivo 2010/2011 encontravam-se numa continuidade do PIEF, ou seja, eram alunos provenientes da turma do PIEF 1 (2º ciclo).

Quanto aos encarregados de educação, 10 destes são as mães, 2 são as avós, 1 é a tia e 1 aluno está institucionalizado, devido a ter sido retirado à família.

Embora não esteja explanado na tabela 3, no que diz respeito ao grau de escolaridade dos encarregados de educação, bem como o estado profissional, foi-me transmitido que estes embora tenham um baixo nível de escolaridade, a grande maioria, são pessoas que se encontravam/encontram a trabalhar. Um dos pontos referidos pela TIL, contactada para colaborar nestas informações mais específicas, foi que estas famílias, na sua maioria, são monoparentais e com elevado número de filhos o que faz com que estas tenham que trabalhar um grande número de horas para fazerem face às despesas diárias. A grande consequência desta situação é que os filhos acabam por passar grande parte do seu tempo “no meio” dos bairros sociais, onde vivem, justificando assim o forte absentismo destes alunos e a tendência dos seus comportamentos desviantes.

2.3 Caracterização do corpo docente

O corpo docente do PIEF T2 era constituído por 9 professores, todos eles apenas a lecionar neste programa.

As idades variavam entre os 26 e os 58 anos.

As formações académicas eram: Português, Ciências e Matemática, Inglês, Físico-química, Geografia e Educação Física, Artes e Educação Musical.

Quanto à experiência profissional dos docentes, no PIEF, a maioria tinha apenas um ano, sendo o ano 2010/2011 o seu 2º ano e na grande maioria estavam na continuidade do ano letivo anterior. Uma das professoras estava neste programa desde que este foi implementado na Escola Secundária do Monte da Caparica, ou seja, há cerca de 5 anos.

É de salientar que a contratação destes docentes era com obrigatoriedade de entrevista com o objetivo de analisar o seu perfil, pois como iremos aferir o perfil do professor é muito importante para o sucesso deste programa.

3. Análise dos resultados dos questionários

3.1 Análise do questionário por entrevista estruturada aos alunos

No que diz respeito aos alunos PIEF T2, dos 15, 2 nunca compareceram na escola e 1 foi preso a meio do seu percurso, neste programa. Assim, a turma ficou com apenas 12 alunos. Destes, inquiriram-se 6, embora nem todos tenham respondido de forma completa à entrevista apresentada. A amostra é reduzida devido a atualmente muitos deles terem comportamentos desviantes.

É de salientar que destes 13 alunos, todos conseguiram a certificação referente ao 3º ciclo e foram devidamente encaminhados para cursos profissionais, de acordo com as preferências de cada um. Contudo, através do contacto com a TIL, obtivemos a informação que nenhum destes alunos concluiu o 12º ano.

Através do questionário realizado aos 6 alunos conseguimos obter informações de como estes, atualmente, viram o PIEF e se este trouxe mais valias para as suas vidas.

Após esta breve contextualização, passamos a analisar os questionários dos 6 inquiridos.

Este grupo de inquiridos têm muitas coisas em comum, talvez devido aos seus comportamentos serem mais dentro do “padrão” que se considera o “normal” na sociedade.

Na questão 2, referente aos motivos que os levaram a frequentar o PIEF, os 6 reponderam que foi por terem sido sinalizados pela escola que frequentavam.

Também os 6 alunos apenas frequentaram 1 ano letivo pois antes de serem inseridos, no programa, frequentavam a escola, mas com uma percentagem de absentismo muito elevada. Segundo Moro (2004), fazendo referência a Veiga, a falta de motivação escolar dos alunos constitui, hoje em dia, um grande problema. Esta desmotivação pode dever-se a vários fatores, nomeadamente à falta de relação

com a escola e com os seus participantes, sejam colegas, professores ou funcionários. O que a experiência nos tem vindo mostrando é que no caso dos alunos com maiores dificuldades em se adaptarem à escola e em superarem as suas limitações, a discriminação não é uma forma de resolução (UNESCO, 2003b)

Após a passagem pelo PIEF, estes alunos, sentiram-se mais confiantes e por isso passaram a ver a escola e os professores de uma forma mais positiva. Na questão 6 do inquérito, pergunta-se aos alunos “O que achaste de diferente no PIEF em relação à escola/turma que frequentavas?” e as respostas foram quase unânimes, ou seja, estes alunos passaram a achar a escola mais “divertida”, começaram a ter uma relação mais estreita com os professores e colegas e a ter vontade de continuar a estudar. Neste ponto, penso que muito se deve ao grande acompanhamento que existe por parte dos professores (através de tutorias) e de toda a equipa Multidisciplinar. Isto porque quando algum aluno começa a mostrar desmotivação qualquer um dos elementos da equipa Multidisciplinar reage, levando o aluno a encontrar o melhor caminho. Segundo vários estudos, a investigação tem demonstrado que os professores que desempenham funções em escolas inclusivas colaboram e planeiam mais, aprendem novas técnicas uns com os outros, participam num maior número de atividades de formação, demonstram vontade de mudar e utilizam uma diversidade de estratégias para ensinar os alunos. (Costa, 2015)

Todos eles referiram que conhecem pessoas que frequentaram ou estão a frequentar o PIEF. Não podemos esquecer o meio em que esta escola está inserida, que justifica o grande número de alunos a frequentar vários percursos alternativos.

Também os 6 alunos referiram que conheciam colegas que não tinham conseguido obter a certificação e que tal se deveu a: absentismo e abandono escolar e alguns foram presos devido a comportamentos desviantes.

Estes alunos referem que o que mais gostaram no seu percurso, no PIEF, foi a relação que tinham com os professores e as matérias serem lecionadas de forma mais dinâmica, pois existe, pronominalmente o trabalho de grupo. Segundo Sousa Cristina (2008), referindo Fontes e Freixo (2004) o trabalho em grupo é fundamental no sentido de que os/as alunos/as com menos dificuldades possam ajudar os/as que apresentam mais dificuldades. No entanto, o trabalho em grupo permite uma responsabilidade individualizada, na medida em que o grupo deve ser

capaz de trabalhar de forma ativa, de dividir tarefas e partilhar o material. Este método de trabalho permite desenvolver as suas competências sociais e a capacidade de realizar comentários ou críticas acerca do seu trabalho ou dos seus colegas.

Todos os inquiridos continuaram os estudos tendo ido para cursos profissionais, embora não os tenham terminado. O grande motivo que apresentam é terem deixado de ter o apoio que tinham, até ao fim do percurso PIEF, e que não conseguiam compreender e acompanhar as matérias lecionadas. Também a relação com o meio escolar foi frisada. Estes sentiam-se “discriminados” tanto por parte de colegas, oriundos do ensino regular, como por parte de alguns professores. Todos estes motivos apresentados pelos inquiridos levaram a uma forte desmotivação que levou ao abandono escolar.

Assim, os 6 alunos apenas apresentam o 9º ano de escolaridade.

Atualmente, 4 destes alunos encontram-se a trabalhar e 2 estão desempregados, mas todos apresentam uma vida estabilizada.

Bourdieu (cit. por Nogueira, & Nogueira, 2002), afirmam a existência de uma forte relação entre o desempenho académico e a origem social do aluno, ou seja, a escola, que poderia ter um papel de transformação e democratização das sociedades, não é mais do que uma das instituições pela qual se perpetuam e legitimam os privilégios sociais. Nesta ótica, consideramos que a problemática disciplinar, à semelhança das questões ligadas ao sucesso e insucesso escolares, deve ser entendida por referência à sociedade de classes em que vivemos, porque não depende tão-somente da personalidade dos alunos, estes transportam consigo bagagens sociais e culturais diferenciadas que condicionam a sua integração no sistema de ensino.

3.2 Análise do questionário por entrevista semiestruturada aos professores do PIEF T2

Saber a opinião dos professores, que lecionaram o PIEF, é fulcral pois torna-se importante aferir se a experiência profissional, de cada um, foi importante no trabalho desenvolvido com estas turmas e compreender as suas grandes dificuldades.

Dos 9 professores que lecionavam no ano letivo 2020/2011, turmas PIEF, foram inquiridos 6.

À medida do que foi referido anteriormente, 5 destes docentes tinham apenas um ano de experiência em turmas do PIEF, sendo o ano 2010/2011 o seu 2º ano. Uma das inquiridas foi a única professora que estava neste programa desde que este foi implementado na Escola Secundária do Monte da Caparica, ou seja, há cerca de 5 anos.

Com base no inquérito, podemos constatar que nenhum destes professores tem uma especialização específica para trabalhar com estes alunos. Contudo, a entrevista obrigatória aquando da contratação destes professores é muito importante e é de salientar pois nesta é avaliado o curriculum vitae de cada um e ao contrário do que acontece no ensino regular, o que mais importa é a experiência profissional e as características pessoais, podendo ter formação até noutra área. Ou seja, com estas entrevistas, pretende-se procurar professores que tenham um determinado perfil, capaz de saber lidar com as particularidades destes jovens, bem como do programa.

Penso que esta medida adotada pelas escolas TEIP são muito pertinentes, pois indo ao encontro da ideia de Rodrigues (2003) “se a sociedade está longe de ser inclusiva, poderá ser a escola uma ilha de inclusão num mar de exclusão?” (p.91)

No que diz respeito à questão colocada referente às mudanças e dificuldades sentidas no trabalho no PIEF, os professores referiram que a diferença que existe do ensino regular para este ensino diferenciado é muito grande e por vezes difícil de se integrar. Os professores no ensino regular têm metas curriculares a atingir, enquanto neste programa existem competências que ganham uma maior importância sob os conteúdos a lecionar. (Exemplo: a assiduidade, pontualidade, comportamento.) Este fator, é referido que inicialmente é um pouco estranho. Também referem que o facto de os conteúdos serem dados por temas mensais torna-se um pouco mais complexo pois os professores têm que adaptar os conteúdos do 7º ao 9º ano, consoante o tema a estudar.

Quanto à opinião dos docentes sobre a oferta formativa corresponder à expectativa dos jovens e às necessidades no mercado de trabalho, 2 destes professores referem que, na opinião delas, os alunos não têm grande expectativa quanto ao seu futuro e

por isso, embora a oferta formativa possa ser boa, esta não tem grandes resultados. Os outros 6 professores são da opinião que desde que os alunos sejam bem orientados, a oferta formativa pode ser uma mais valia para a entrada destes no mundo do mercado.

Na questão “Quais foram, na sua opinião, as competências que estes jovens desenvolveram (ou têm vindo a desenvolver) no PIEF?”, as respostas são muito parecidas. Segundo estes, para os alunos que conseguem permanecer na escola, as competências que estes mais desenvolvem são a assiduidade, pontualidade, comportamento, relacionamento e cooperação. Para os inquiridos, estes valores são primordiais e estando perante alunos tão específicos a parte do saber vem posteriormente.

Na opinião destes professores, não sentem que haja uma grande dificuldade de adaptação dos alunos ao PIEF pois na maioria dos casos, os alunos já se conhecerem por viverem nos mesmos bairros. No que concerne à adaptação destes no ambiente escolar a opinião já é contrária, pois segundo alguns relatos, os alunos são vistos de forma diferente, na generalidade, tanto pelos alunos da escola como por professores e auxiliares, da mesma. Ainda fazendo referência ao que está relatado no inquérito, estes jovens vivem no meio escolar “num mundo” à parte. Embora haja projetos desenvolvidos pelos professores e alunos integrados neste programa, de forma a incutir a inter-relação com a restante comunidade, estes não são eficazes porque apenas acabam por participar os envolvidos no PIEF.

Para estes professores, não há dúvida de que embora a escola tenha uma relação direta com este programa, a verdade é que na prática, não está devidamente envolvida, deixando os professores destas turmas completamente desamparadas e atribuindo-lhes toda a responsabilidade, relativamente aos alunos do programa PIEF.

A última questão do inquérito é uma pergunta de reposta aberta “Que propostas faria para alterar educativa/formativa, dos jovens, com vista a uma continuidade nos estudos ou à melhor integração no mercado de trabalho?”. Foram várias as opções, mas quase todos os inquiridos salientaram a continuidade do acompanhamento a estes jovens pois são jovens em risco e que se durante alguns anos foram devidamente acompanhados, tanto na escola como no meio onde vivem, pela

equipa de intervenção local, este devia ser um trabalho a continuar nos anos seguintes.

4. O Papel da Geografia na Inclusão

Segundo Nogueira (2016), fazendo referência a Kaercher (2003), a principal tarefa de um professor de Geografia, talvez nem seja a de ensinar Geografia, mas realçar um compromisso que a ultrapassa: fortalecer os valores democráticos e éticos.

O estudo da geografia não é só ter o conhecimento da localização, mas sim a inter-relação do espaço com o individuo e as suas grandes diversidades.

Nesta medida, a interdisciplinaridade é fulcral pois faz relação com as múltiplas disciplinas do conhecimento, além de relacioná-las entre si. A Geografia tem a possibilidade de trabalhar temas transversais, abrangendo várias áreas disciplinares, abordando assim conteúdos do quotidiano dos estudantes, levando estes a construir compreensões e explicações mais complexas do que acontece no dia-a-dia, no lugar em que vivem, e o que se passa em outros lugares do mundo. Dessa forma, as múltiplas relações entre as disciplinas são possíveis de serem realizadas pelos educadores e de melhor entendimento pelos estudantes.

Nogueira (2016), faz referência a Stainback e Stainback (1999) sobre o desenvolvimento de atividades. Segundo estes autores, dentro da estratégia de inclusão, as atividades devem acontecer em duplas e/ou trio ou grupos de trabalhos, de acordo com as turmas. Os trabalhos e/ou atividades em grupos de estudantes fazem com que os conteúdos possam ser socializados entre eles, e também que os estudantes possam ajudar ou acompanhar o desenvolvimento do trabalho.

No caso específico do PIEF, esta metodologia é muito recorrente. De forma a termos uma maior atenção e participação dos alunos, recorre-se aos trabalhos em pares/grupos e à interdisciplinaridade. Os temas lecionados procuram ir ao encontro da realidade e interesse dos alunos. Ou seja, o professor adapta as matérias ao aluno, e não, como se verifica no ensino regular, o aluno à matéria. (Anexo VII)

Conclusão

A realização desta investigação permitiu compreender, de uma forma mais aprofundada, as dificuldades na implementação de um programa socioeducativo, do ponto de vista dos alunos e corpo docente.

O objetivo deste trabalho, não passava apenas por saber a visão dos alunos e professores aquando a sua permanência no PIEF. Pretendia ir mais além. Para mim, durante estes 10 anos que me separam da vivência com estes alunos e colegas, sempre me questioneei: “E agora? Como estarão os meus alunos? Será que conseguiram alcançar o 12º ano? Será que conseguiram “fugir” da vida, de comportamentos desviantes, que todos os dias se esbarram neles, naqueles bairros sociais onde vivem?”.

Devido à forte cumplicidade que, na maioria dos casos, se cria com estes alunos, ainda atualmente mantenho contacto com alguns. Contudo, devido a ser circunstancialmente pelas redes sociais não sabia, na prática, como estaria a ser a vida deles.

O presente trabalho deu-me uma grande satisfação por ter abordado “o depois de”. Se tivesse analisado apenas os dados referentes ao ano 2010/2011 não poderia saber se o PIEF tinha contribuído de forma positiva ou negativa na vida dos alunos.

Com a análise feita através do questionário dos alunos, do questionário dos professores e o contacto com a TIL, podemos aferir que embora os alunos tenham conseguido obter a certificação referente ao 3º ciclo, os mesmos não foram capazes de concluir o ensino secundário/profissional.

Sem dúvida que, uma das grandes conclusões que podemos retirar é que este programa é de extrema importância no combate ao insucesso e abandono escolar mas ainda é insuficiente. Devido ao contexto onde se encontra o PIEF, alvo de estudo, podemos ainda dizer que através da rede de parcerias, existente nestes projetos, podemos “salvar” muitos alunos dos caminhos desviantes pois as equipas trabalham no “terreno” diariamente. Contudo, se conseguirmos “salvar” apenas um aluno tem tanta importância como se fossem muitos pois a realidade em que estes alunos vivem, a nível social, familiar e económico, não é fácil.

Podemos ainda referir que é de extrema importância a empatia criada entre aluno-professor. Se os alunos virem os professores como alguém em quem podem confiar é

meio trabalho feito para alcançar o nosso objetivo. Esta empatia não é um trabalho fácil pois, na maioria das vezes, os alunos veem-nos como “inimigos” e mesmo os professores, inicialmente, têm alguns estereótipos em relação a estes alunos e até mesmo em relação ao próprio PIEF. O trabalho diário feito pelo TIL é fundamental para nos ajudar a estabelecer ligação nestas turmas. Pela minha experiência profissional, o querermos participar nas atividades, o sabermos ouvi-los, conseguir ir ao encontro dos seus gostos, ajuda muito para criar uma estreita relação com os mesmos. Tal, nem sempre é eficaz quando estamos perante alunos que já estão completamente inseridos em meios desviantes, acabando por os mesmos abandonarem novamente a escola.

Após a análise feita, podemos retirar que existe uma grande lacuna urgente de ser pensada e aplicada: “o após”. Não podemos trabalhar com os alunos 1 ou 2 anos e esperar que todos os seus problemas sejam resolvidos. Estes alunos precisam de um acompanhamento/orientação permanente, mas na verdade depois destes obterem a certificação e serem reencaminhados para as áreas, que cada um escolheu, deixa de haver esse trabalho intensivo aquando a frequência no PIEF.

As escolas precisam de encararem os programas/cursos de combate ao insucesso escolar/ abandono escolar como uma forma de inclusão dos jovens. Não chega integrar os mesmos na escola. É preciso incluí-los! Estes cursos não podem ser vistos como algo que é destinado a alunos problemáticos, mas sim como uma oportunidade para os jovens que os integram, onde através de cursos com especificidades muito próprias conseguem recuperar e remediar o seu percurso o escolar, pois só assim esses cursos podem vir a ter sucesso.

Em suma, os cursos alternativos devem ser encarados como o ensino regular. Para uma boa relação e um maior conhecimento de professores e alunos torna-se urgente haver uma mudança na afetação de professores em grupos turma PIEF. Não é benéfico para os alunos uma mudança anual de professores pois o trabalho não tem a continuidade necessária para com este tipo de jovens. Por outro lado, os professores destas turmas deviam ter formação específica e serem professores com vontade de estar neste tipo de projetos e não obrigados por colocação de concurso. Há bons professores no ensino regular que não se adaptam a este tipo de projetos e vice-versa.

Com o presente estudo também podemos concluir que o papel do professor é de extrema importância e o professor de Geografia tem um papel fulcral na inclusão dos alunos. Devido ao estudo da Geografia ser bastante transversal torna possível a interdisciplinaridade e permite abordar os seus temas de forma a ir ao encontro da realidade do aluno.

As grandes limitações e fragilidades sentidas na realização do presente trabalho foi a amostra identificar apenas um grupo de jovens oriundos unicamente de uma zona populacional e de uma parte de um grupo. O facto de só termos, na nossa amostra, jovens sinalizados através do PIEF e não de outras entidades faz que o estudo possa não refletir o país, na generalidade. Tal aconteceu pela maior facilidade de encontrar jovens com experiências em abandono escolar, uma vez que como ex-docente deste PIEF tinha acesso direto aos dados dos jovens.

Referências bibliográficas:

- Almeida, F.J.M. (2016). *Propostas alternativas de educação no concelho de Alenquer: PIEF e curso vocacional*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta.
- Álvares M. (2003). *Abandono Escolar Precoce: Políticas e Práticas. Inquéritos a Alunos do 2º e 3º ciclo*. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa.
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. (3ª ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amaral, D. S. (2012). *Uma análise das Potencialidades e Fragilidades do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra.
- Amaral, D.S. (2018). *Programa Integrado de Educação e formação (PIEF): Uma medida Escolar de Inclusão ou Exclusão?* Revista Portuguesa de Investigação Educacional, n.º especial, pp. 53-69.
- Avaliação Externa do Agrupamento de Escolas da Caparica (2016). *Aprendizagem, Educação e Cidadania – Um Caminho de Sucesso*.
- Comissão da Educação Geográfica, União Geográfica Internacional (1992). *Carta Internacional da Educação Geográfica*. Hartwig Hawbrich Freiburg: Germany
- Costa, L.P.L. (2015). *Fatores que influenciam a Autoeficácia dos Professores para a Implementação de Práticas Inclusivas no ensino Público e Privado*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor. Instituto Superior de Ciências Educativas de Penafiel.
- Daliana Löffler (Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo); e outros (S/D). *1º seminário Luso-Brasileiro De Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão*.
- Dias, M.C.P. (2012). *Motivação para a Leitura - Alunos de uma turma PIEF como mediadores de leitura*. Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Leitura e da Escrita.
- Felício, L. F. P. (2007). *Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) – Um contributo para a (Re) Integração de jovens no sistema educativo*. Dissertação de Mestrado em Administração e Gestão Educacional da Universidade Aberta de Lisboa.

- Izquierdo, Teresa Maria Rodrigues (2006). *Necessidades Educativas Especiais: a mudança pelo Relatório Warnock*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação: Formação Pessoal e Social. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Kaercher, Nestor André (2003). *Desafios e Utopias no Ensino da Geografia*. Santa Cruz do Sul. Edunisc.
- Moro, F. J. C. (2014). *A experiência de abandono escolar precoce: sentidos e olhares de jovens e famílias*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre.
- Nogueira, Ruth (2016). *Geografia e inclusão escolar. Teoria e práticas*. Florianópolis.
- Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia et la Cultura (2009). *Directrices sobre políticas de inclusión en la educación*. UNESCO: France.
- Oliveira, A. M. S. (2009). *O regresso à escola dos alunos em abandono escolar – contributo de um Programa Integrado de Educação e Formação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique do Porto.
- Pereira, A. (2007). *PIEF – Um Programa de Educação e Formação*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Santora, J. (S/D). *Curso de especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social*.
- Sousa, Cristina (2019). *O caminho para o sucesso: o Educador Social na mediação de programas socioeducativos no combate ao insucesso/abandono escolar*. Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do grau de Mestre em Educação Social.
- UNESCO, (2015). *Declaração de Incheon e Marco de Ação para a implementação do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4: Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos*. Salamanca.

ANEXOS

ANEXO I

Agrupamento de Escolas de Mealhada
Ano Letivo 2020/2021
Geografia 9º ano

Plano de Aula

Professora: Marlene Urze Ferreira

Data: 10 de novembro de 2021

Hora: 8:30 – 10:20 (2 aulas de 50 minutos)

Sala: 3.1 **Turma** 9ºC

Dimensão Curricular

Tema: Atividades económicas

Sub-tema: As Redes e Modos de Transportes e Telecomunicações

Aprendizagens essenciais:

Localizar e compreender os lugares e as regiões:

- Comparar os diferentes tipos de transportes, quanto às respetivas vantagens e desvantagens.

Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos

- Seleccionar o modo de transporte mais adequado em função do fim a que se destina e das distâncias.

Comunicar e participar

- Relatar exemplos do impacto da evolução dos meios de transporte e telecomunicações na sociedade.

Descritores do Perfil dos alunos

C; D; E; F; G; H; I

Objetivos e problemática

Objetivo geral:

Compreender a importância dos transportes e telecomunicações, nas dinâmicas dos territórios.

Objetivos específicos:

- Distinguir os vários tipos de transporte;
- Definir acessibilidade;
- Distinguir distância absoluta de distância relativa;
- Caracterizar as redes de transporte e fluxos;

- Mencionar as vantagens e desvantagens dos tipos de transporte;
- Identificar impactes dos transportes;
- Distinguir telecomunicações de redes de telecomunicações;
- Caracterizar as redes de transporte e de telecomunicações em Portugal e no mundo.

Questão-chave: Como é que os transportes e as telecomunicações vieram influenciar a vida das pessoas?

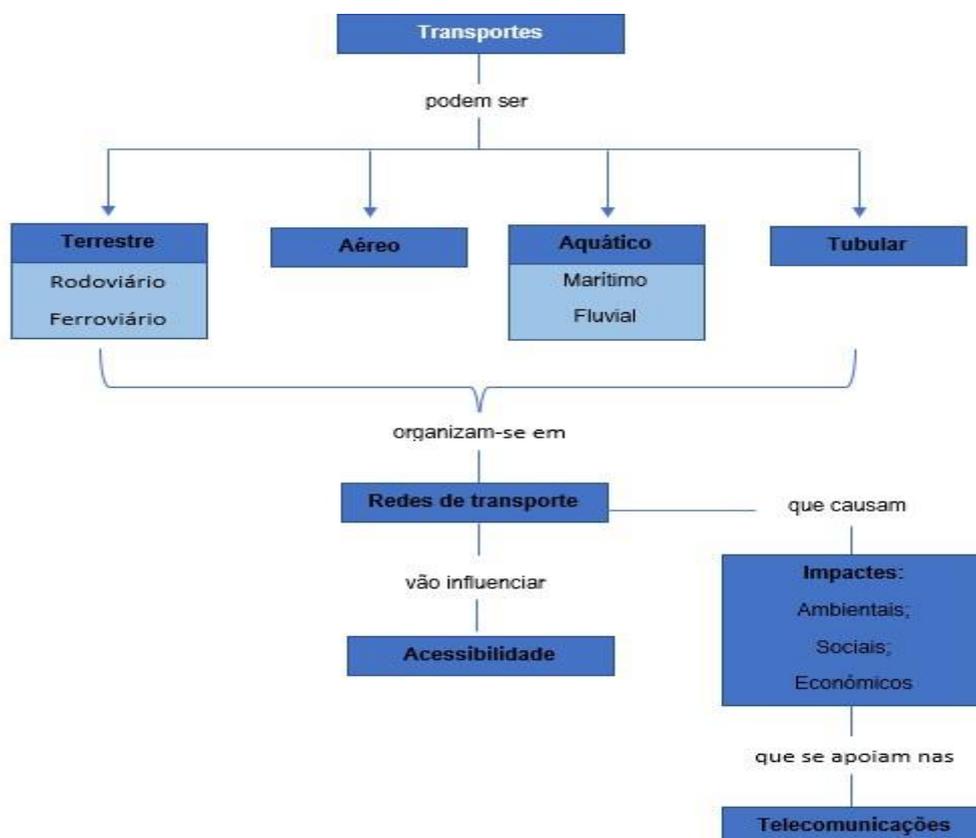
Sumário: Introdução ao estudo do tema: Redes e meios de transporte e telecomunicações.

Caracterização dos diferentes meios e modos de transporte - Vantagens e desvantagens.

Dimensão

Conceitos: transporte; modo e meio de transporte; redes de transportes; fluxo; acessibilidade; distância-tempo; distância-custo; Intermodalidade; telecomunicações; redes de telecomunicações

Esquema Conceptual:



Sequência e materiais

Estratégia da aula:

Retroação com vista a estabelecer a ponte para o estudo dos riscos mistos.

Projeção do filme “Willy Fogg: A volta ao mundo em 80 dias.”;

Diálogo vertical, com vista a que os alunos identifiquem os vários modos de transporte;

Será realizado um esquema síntese, no quadro, dos vários meios e modos de transportes, a partir das respostas dos alunos;

Projeção de um power-point com a sistematização das Vantagens/Desvantagens dos modos de transporte;

Diálogo vertical, com vista a que os alunos identifiquem os impactes do desenvolvimento das redes de transporte no desenvolvimento do território.

Elaboração do sumário.

Estratégias:

Visualização de um vídeo – “Willy Fogg: A volta ao mundo em 80 dias.”.

Elaboração de um esquema-síntese, sobre a matéria, no quadro, enquanto exploramos o vídeo apresentado.

Recursos: Manual adotado, computador, ecrã, videoprojector, quadro negro e giz, vídeo, powerpoint.

Bibliografia:

Batouxas, Mariana e Viegas, Julieta (1998) - Dicionário de Geografia, 1ª edição, Edições Sílabo, Lisboa;

Baund, Pascoal; Bourgeat, Serge e Bras, Catherine (1997) - Dicionário de Geografia, 1ª edição, Plátano edições técnicas, Lisboa;

Claval, Paul;(1987) – “Geografia do Homem”, Capítulo XI. “Organização regional do espaço, transportes e comunicação”. Edições Almedina. Coimbra;

Matos, Maria João; Castelão, Raul (2003) - “Geografia Espaços”; Tema D: Actividades Económicas”; 1ª

Edição. Carnaxide;

Medeiros, Carlos Alberto, coord. Ferreira, António de Brum (2005) - “As Actividades Económicas”.

Geografia de Portugal; Rio de Mouro, Círculo de Leitores, Vol. 3;

Rodrigues, Arinda; Coelho, João (2008) - “Viagens: População e Povoamento. Actividades Económicas” Geografia - 8ºano, 1ª Edição, Texto Editores, Lda. Lisboa.

Avaliação

- Participação oral na aula;
- Curiosidade pelas temáticas abordadas;
- Aplicação das matérias lecionadas.



Rodoviários

VANTAGENS:

- Acesso direto do ponto de partida ao ponto de chegada;
- Flexibilidade de itinerários e horários;
- Económico em curtas e médias distâncias;
- Extensa rede viária.

DESVANTAGENS:

- Poluição atmosférica e sonora;
- Congestionamento de tráfego;
- Dispendioso em grandes distâncias;
- Grande número de acidentes.

The collage features several images: a blue car icon, a vintage steam engine, a person with wings, and a modern airplane. The collage is framed with green arrows pointing left and right.



Ferrovários

VANTAGENS:

- Pouco poluente;
- Custos baixos;
- Grande versatilidade e capacidade de carga;
- Rapidez e segurança.

DESVANTAGENS:

- Itinerário e horários fixos;
- Elevados investimentos na manutenção da rede;
- Implica transbordo.



AQUÁTICOS

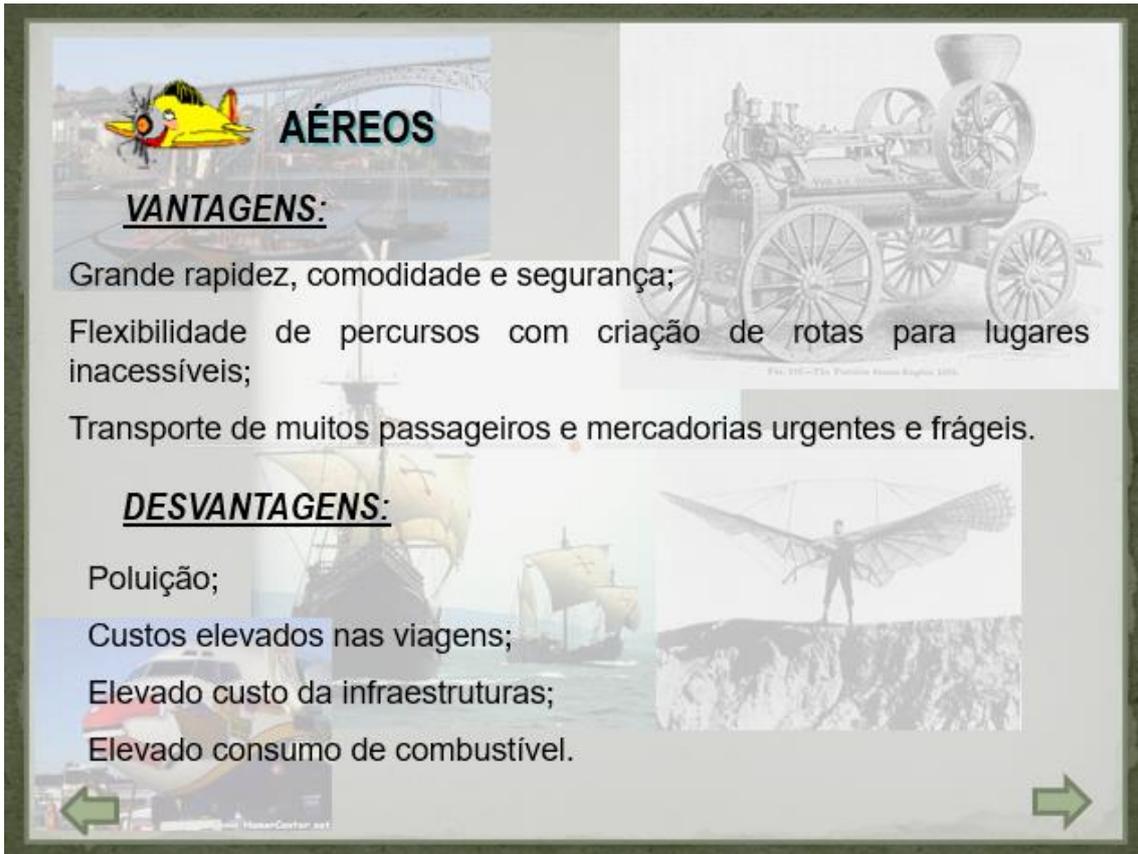
VANTAGENS:

- Custos baixos;
- Grande versatilidade e capacidade de carga;
- Elevada especialização (porta contentores, petroleiros, etc).

DESVANTAGENS :

- Reduzida velocidade;
- Necessidade de grandes infraestruturas;
- Implica transbordo.





AÉREOS

VANTAGENS:

- Grande rapidez, comodidade e segurança;
- Flexibilidade de percursos com criação de rotas para lugares inacessíveis;
- Transporte de muitos passageiros e mercadorias urgentes e frágeis.

DESVANTAGENS:

- Poluição;
- Custos elevados nas viagens;
- Elevado custo da infraestruturas;
- Elevado consumo de combustível.

The slide features a background collage of images: a yellow cartoon airplane, a steam engine, a sailboat, and a person with wings. Navigation arrows are present at the bottom.



TUBULAR

VANTAGENS:

- Fiabilidade e continuidade do serviço;
- Menor utilização de outros modos de transporte;
- Económico.

DESVANTAGENS:

- Manutenção frequente;
- Algum risco de fugas e derrames.

The slide features a background collage of images: a steam engine, a sailboat, and a person with wings. Navigation arrows are present at the bottom.

AS TELECOMUNICAÇÕES

Telecomunicações: transmissão de informação à distância.

Rede de telecomunicações: sistemas de transmissão que permitem enviar e receber informação. (Ex: satélites, fibra ótica...)



Existem **vários serviços de telecomunicações**, sendo os **mais usados**:

Telefone – permite às pessoas dialogarem usando apenas áudio;

Televisão – permite às pessoas escutarem e verem informação de qualquer teor, não podendo participar nessa ação;

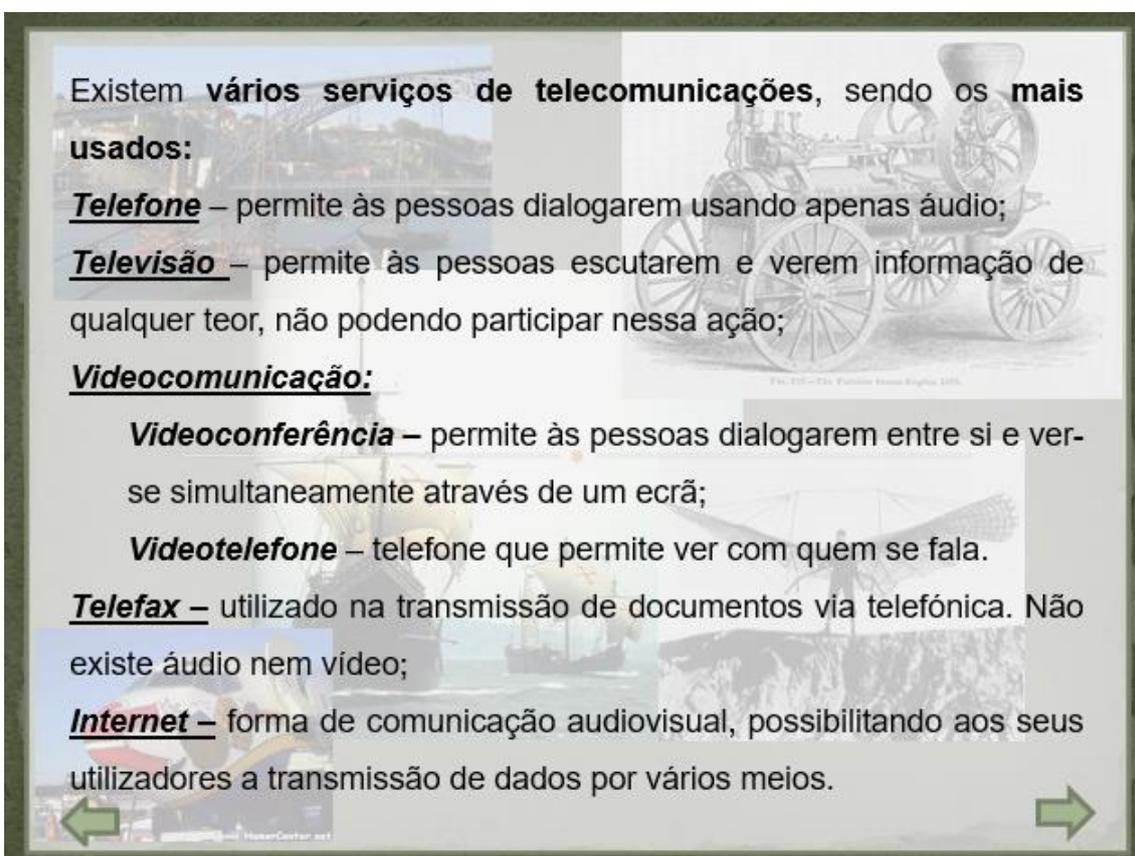
Videocomunicação:

Videoconferência – permite às pessoas dialogarem entre si e ver-se simultaneamente através de um ecrã;

Videotelefone – telefone que permite ver com quem se fala.

Telefax – utilizado na transmissão de documentos via telefónica. Não existe áudio nem vídeo;

Internet – forma de comunicação audiovisual, possibilitando aos seus utilizadores a transmissão de dados por vários meios.



A importância dos satélites e do cabos de fibra ótica

Satélites

1ª revolução das telecomunicações – década 60, do séc. XX, com o surgimento dos satélites artificiais.

Vantagens dos Satélites:

Não estão sujeitos aos condicionalismos naturais como sismos ou tempestades;

Transmitem, simultaneamente, uma grande quantidade de informação para diversas partes do mundo, cobrindo mesmo as áreas de difícil acesso.

Fundamentais para os transportes, devido ao sistemas de navegação por satélite, como por exemplo o GPS.



A fibra ótica

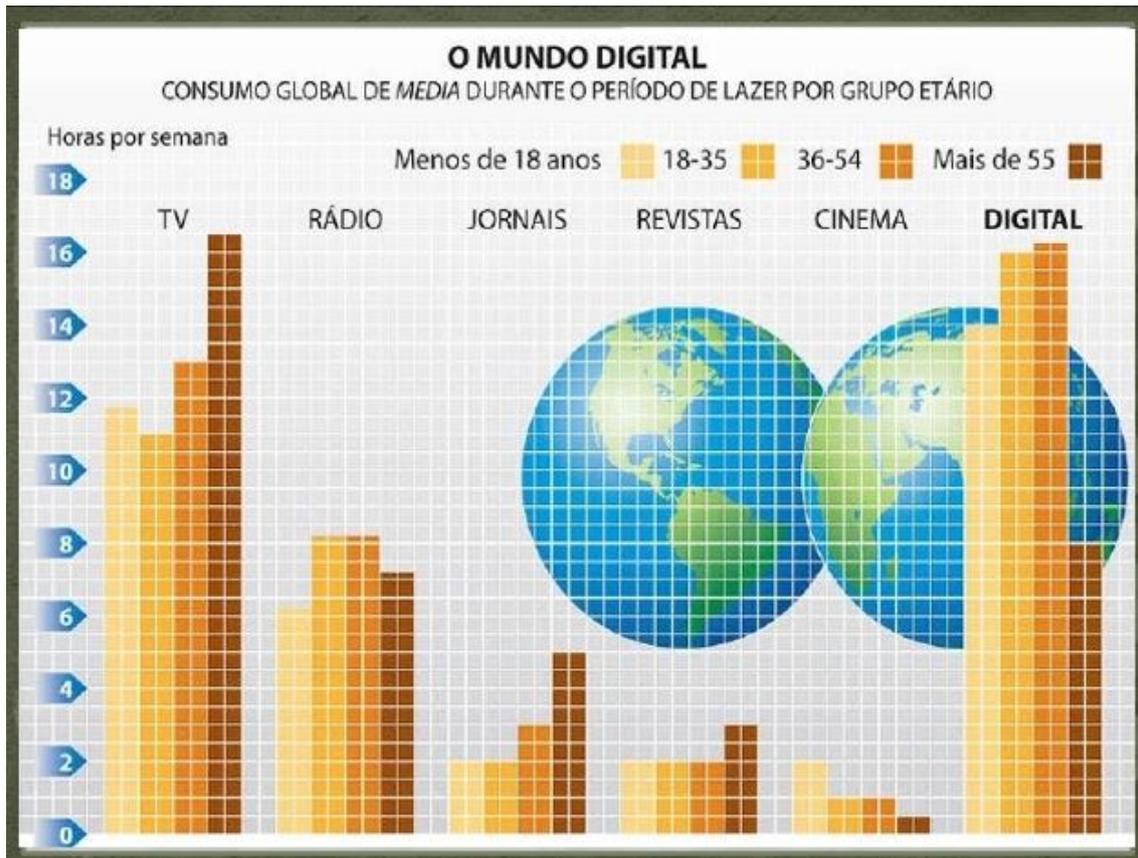
2ª revolução tecnológica – substituição dos cabos de cobre pelos cabos de fibra ótica.

Vantagens:

Maior capacidade em termos de volume de tráfego;

Melhor qualidade de som e de imagem





Assim, as telecomunicações vieram:

Facilitar a vida dos cidadãos uma vez que permite contactar com outras pessoas em tempo real, podemos fazer negócios a partir de casa, entre outras coisas;

Permitem a aproximação dos lugares e pessoas – “Aldeia Global”;

Permitem um maior acesso à informação.



ANEXO II

Agrupamento de Escolas de Mealhada Ano Letivo 2020/2021 Geografia 9º ano	
Plano de Aula	
Professora: Marlene Urze Ferreira	
Data: 5 de janeiro de 2021	Hora: 8:30 – 10:20 (2 aulas de 50 minutos)
Sala: 3.1	Turma: 9ºC

Dimensão Curricular

Tema: Contrastes de desenvolvimento

Sub-tema: 1 - Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento

Aprendizagens essenciais:

Localizar e compreender os lugares e as regiões:

- Distinguir crescimento económico de desenvolvimento;
- Interpretar mapas temáticos relativos ao grau de desenvolvimento dos países;
- Comparar exemplos de evolução espaço-temporal do grau de desenvolvimento dos países, interpretando mapas;
- Distinguir formas de medir os níveis de desenvolvimento, vantagens e constrangimentos dos índices compostos (IDH, IDG, IPM);
- Comparar informação de Portugal com a de outros países para evidenciar situações de desigualdade demográfica, económica e social;
- Relacionar os níveis de desenvolvimento com os fatores interno e externo que os condicionam.

Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos

- Discutir as vantagens e os constrangimentos da utilização dos índices compostos a diferentes escalas;
 - Apresentar situações concretas de desigualdades de desenvolvimento e possíveis formas de as superar
- Comunicar e participar**

- Relatar medidas que promovam a cooperação entre povos e culturas.

Descritores do Perfil dos alunos

C; D; E; F; G; H; I

Objetivos e problemática

Objetivo geral: Compreender e comparar o grau de desenvolvimento dos países com base em indicadores de desenvolvimento e crescimento.

Objetivos específicos:

- Distinguir crescimento económico de desenvolvimento humano;
- Mencionar indicadores de desenvolvimento humano de várias naturezas: demográfico, sociais, culturais, económicos, políticos, ambientais;
- Interpretar mapas de distribuição dos indicadores de crescimento económico e de desenvolvimento humano à escala global;
- Comparar países com diferentes graus de desenvolvimento com base em indicadores de crescimento económico e de desenvolvimento humano;
- Caracterizar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH);
- Interpretar a distribuição mundial de IDH relacionando-o com o grau de desenvolvimento dos países;
- Mencionar as principais críticas à utilização do IDH;
- Referir outros indicadores compostos utilizados na avaliação do grau de desenvolvimento dos países;
- Explicar em que consiste o Índice de Desigualdade de Género (IDG) e o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM)

Questão-chave: Quais os grandes contrastes ao nível do desenvolvimento mundial e quais os seus impactos?

Sumário: Diferenças entre crescimento económico e desenvolvimento. Os diferentes indicadores de desenvolvimento. O Grau de Desenvolvimento dos Países com base nos Indicadores de Desenvolvimento.

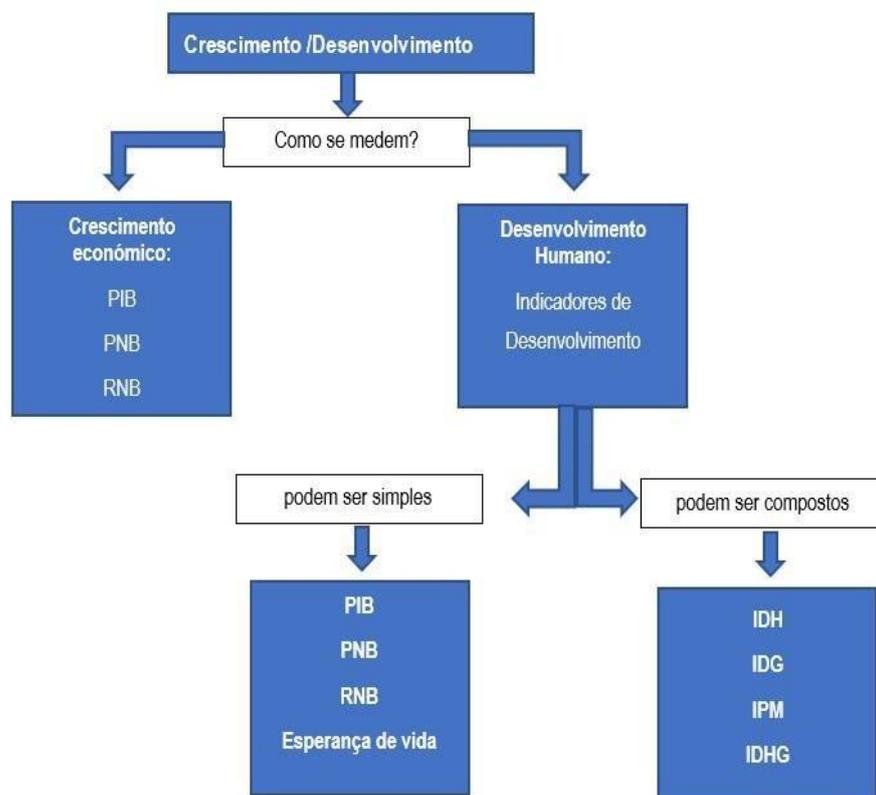
Dimensão conceptual

Conceitos: Desenvolvimento; Crescimento económico; Bem-estar; Qualidade de vida; Países desenvolvidos; Países em vias de desenvolvimento; PIB (Produto Interno Bruto); PNB (Produto Nacional

Bruto); RNB (Rendimento Nacional Bruto); Taxa de natalidade/ mortalidade; Crescimento Natural;

Esperança Média de vida; Estrutura etária; Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); Níveis de riqueza; Índice de Desigualdade de Género (IDG); Índice de Pobreza Multidimensional (IPM).

Esquema Conceptual:



Sequência e materiais

Estratégia da aula:

Retrospeção sobre os contrastes da distribuição da população mundial, tendo como base na análise de um mapa sobre o crescimento da população.

Diálogo vertical, sobre o mapa apresentado, a fim de se fazer referência à distribuição dos diferentes indicadores demográficos, a nível mundial.

Elaboração de um esquema síntese, no quadro, das regiões do mundo com menor e maior crescimento populacional.

Diálogo vertical sobre os conceitos de Crescimento Económico e Desenvolvimento, levando os alunos a aferirem as suas diferenças e levando-os a outro conceito "Qualidade de Vida".

Projeção de várias imagens, que representam várias realidades de desenvolvimento, pretendendo que através das mesmas os alunos enumerem as diferenças.

Elaboração de um esquema sobre as necessidades essenciais a serem atingidas, dependendo do grau de desenvolvimento do país.

Análise do mapa do Índice de Desenvolvimento Humano, pretendendo verificar as desigualdades, a nível mundial e as suas limitações.

Diálogo vertical sobre os conceitos de Índice de Desigualdade de Género e Índice de Pobreza Multidimensional.

Elaboração do sumário.

Estratégias:

Projeção de vários mapas, sobre os conceitos abordados na aula.

Elaboração de esquemas sobre a matéria, no quadro, enquanto exploramos imagens.

Recursos: Manual adotado, computador, ecrã, videoprojector, quadro negro, giz, PowerPoint.

Bibliografia:

Batouxas, Mariana e Viegas, Julieta (1998) - Dicionário de Geografia, 1ª edição, Edições Silabo, Lisboa;

Baund, Pascoal; Bourgeat, Serge e Bras, Catherine (1997) - Dicionário de Geografia, 1ª edição, Plátano edições técnicas, Lisboa;

Fernandes, João Luís (2005) – “Território, desenvolvimento e áreas protegidas - A Rede Nacional de Áreas Protegidas e o caso do Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros”. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Fernandes, João Luís e Carvalho, Paulo (2001) – “Iniciativas de Desenvolvimento Local no Espaço Rural Português, o exemplo do LEADER-ELOZ (Entre Lousã e Zêzere)” - Território, Inovação e Trajectórias de Desenvolvimento. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Rodrigues, Arinda; Coelho, João (2008) - “Viagens: População e Povoamento. Actividades Económicas” Geografia - 8ºano, 1ª Edição, Texto Editores, Lda. Lisboa.

Avaliação

- Participação oral na aula;
- Curiosidade pelas temáticas abordadas;
- Aplicação das matérias lecionadas.

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO

Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento

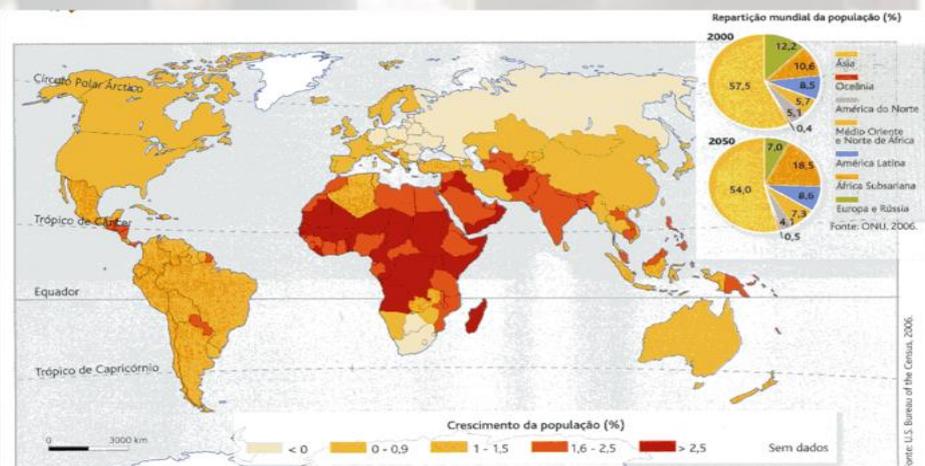


Figura 1: Crescimento da população previsto para o período de 2003 a 2015.
Fonte: Manual



CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento

Crescimento económico vs Desenvolvimento Humano

↓

Aumento da riqueza produzida por um determinado país, ou determinada região, ao longo de um dado período de tempo.

Indicadores económicos :

- Produto Nacional Bruto (PNB);
- Produto Interno Bruto (PIB).
- Rendimento Nacional Bruto (RNB)

↓

É um conceito dinâmico que se relaciona com o bem-estar e a qualidade de vida de uma população.

Indicadores de desenvolvimento :

- Demográficos;
- Sociais;
- Culturais;
- Económicos;
- Políticos;
- Ambientais

The diagram compares 'Crescimento económico' (Economic Growth) and 'Desenvolvimento Humano' (Human Development). It features two columns of text, each with a downward-pointing orange arrow. The left column defines economic growth as an increase in wealth over time and lists economic indicators: Gross National Product (GNP), Gross Domestic Product (GDP), and Gross National Income (GNI). The right column defines human development as a dynamic concept related to well-being and quality of life, and lists development indicators: demographic, social, cultural, economic, political, and environmental. The background of the slide shows a person's legs and feet, similar to the first slide.

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento



Figura 3 : Sala de aulas num País em vias de Desenvolvimento

Fonte: Internet



Figura 4 : Sala de aulas num País Desenvolvido

Fonte: Internet

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento



Figura 5 : Crianças num País Desenvolvido

Fonte: Internet



Figura 6 : Crianças num País em vias de Desenvolvimento

Fonte: Internet

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento



Figura 6 : Posto hospitalar num País em vias de Desenvolvimento
Fonte: Internet



Figura 7 : Habitação familiar num País Desenvolvido
Fonte: Internet

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento



Indicadores económicos	Indicadores demográficos	Indicadores socioculturais	Indicadores políticos
<ul style="list-style-type: none">• PIB per capita• Rendimento per capita• PNB• Variação dos índices de preços no consumidor• Importação e exportação de bens e serviços	<ul style="list-style-type: none">• Esperança de vida• População absoluta• Taxa de crescimento anual da população• Taxa de natalidade/mortalidade• Taxa de mortalidade infantil• Taxa de fertilidade	<ul style="list-style-type: none">• Taxa de analfabetismo• Taxa de escolaridade• Médicos por 100 000 habitantes• % de partos assistidos por pessoal qualificado• % de população com saneamento básico	<ul style="list-style-type: none">• Reconhecimento dos direitos humanos• Reconhecimento dos direitos das crianças• Grau de participação dos cidadãos na vida política• Grau de participação das mulheres no governo• índice de corrupção

Figura 7: Indicadores simples

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento



Índice de Desenvolvimento Humano (IDH):

É um, indicador composto, calculado a partir de indicadores simples, que procura medir a qualidade de vida da população de um país ou região.

O IDH é constituído por três componentes:

- A longevidade ;
- A instrução ;
- O rendimento .

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento

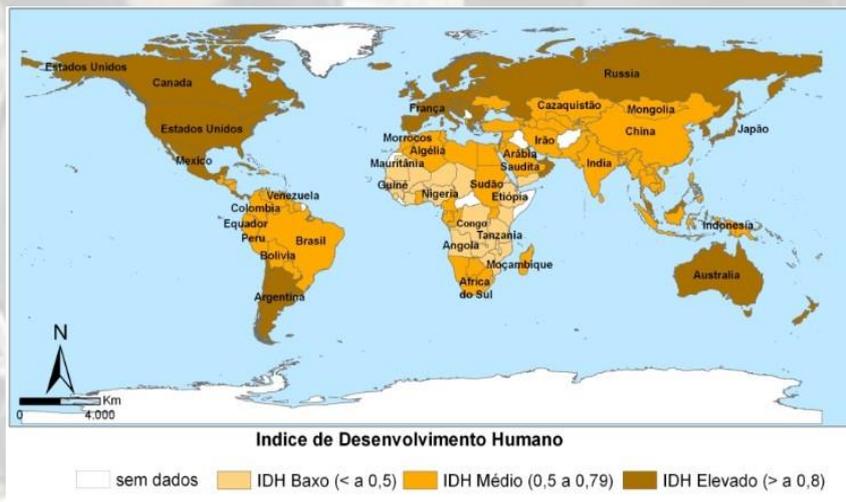


Figura 8: Índice de Desenvolvimento Humano
Fonte: Balinha, I.; 2008

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento



Principais limitações do IDH:

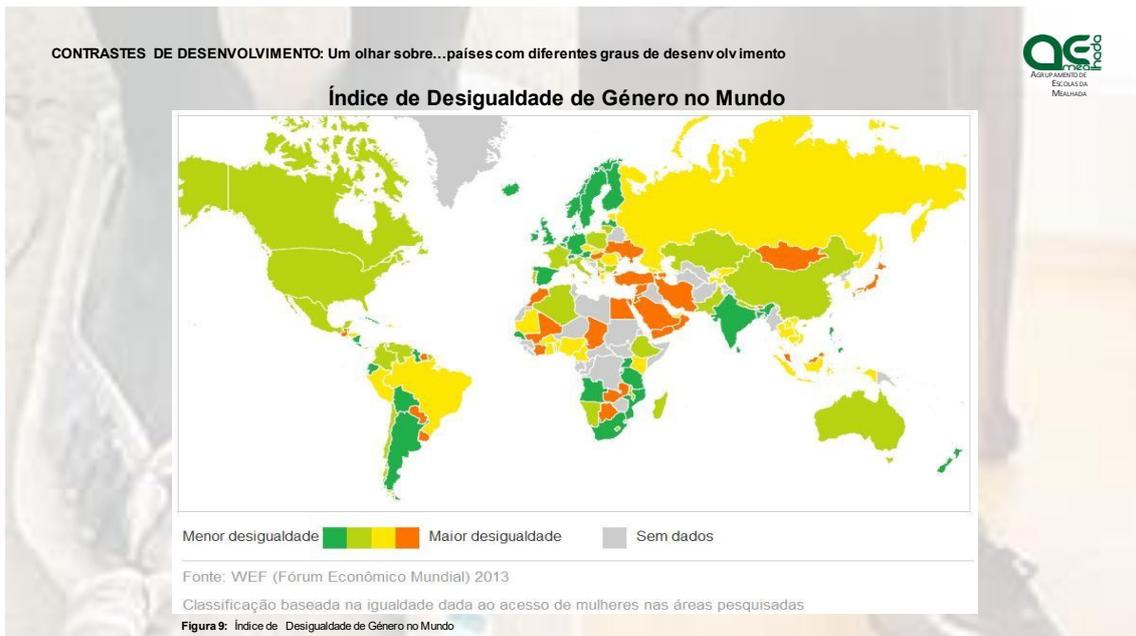
- Ao ser calculado a partir de um pequeno número de indicadores simples, não abrange todos os aspetos do desenvolvimento, como por exemplo, a democracia, a participação política, a equidade, a sustentabilidade ;
- É uma média nacional, e por isso, não reflete as desigualdades registadas entre a população de um país.

CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento



Índice de Desigualdade de Género (IDG):

Visa revelar as desigualdades entre homens e mulheres, sendo que estas acabam por estar em desvantagem e sofrer discriminação face aos homens, em áreas como a saúde (reprodutividade); a educação (capacitação); emprego (participação no mercado de trabalho).

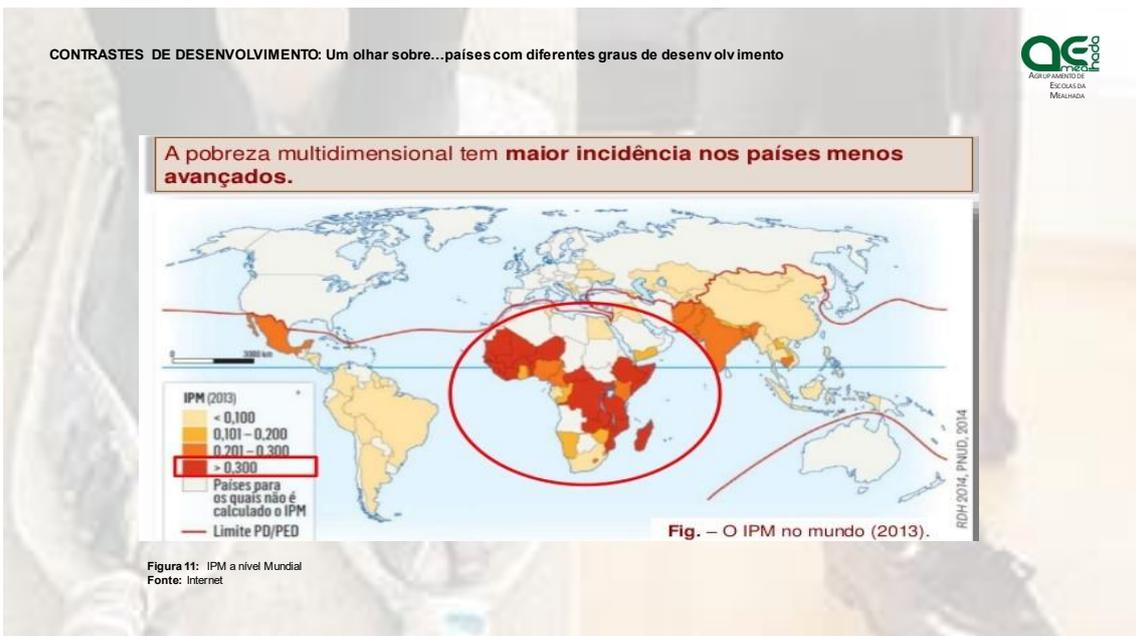
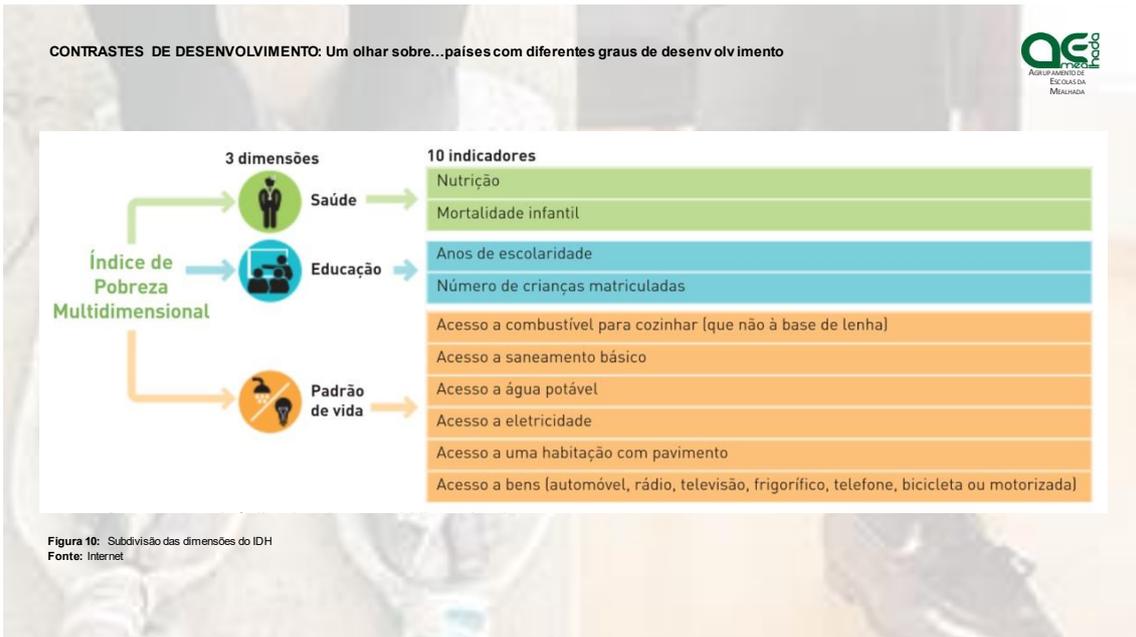


CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO: Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento

Índice de Pobreza Multidimensional (IPM):

Mede as privações sofridas pelas pessoas nas mesmas três dimensões do IDH (Educação, Saúde, Nível de vida).

Estas três dimensões subdividem -se em 10 indicadores .





ANEXO III

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas de Mealhada Ano Letivo 2020/2021 Geografia 9º ano</p>
<p style="text-align: center;">Plano de Aula</p> <p>Professora: Marlene Urze Ferreira</p> <p>Data: 12 e 14 de janeiro de 2021 Hora: 8:30 – 10:20 (2 aulas de 50 minutos) Sala: 3.1 Turma 9ºC e 9ºE</p>

Dimensão Curricular

Tema: Contrastes de desenvolvimento

Sub-tema: 1 - Um olhar sobre...países com diferentes graus de desenvolvimento

1.2 – O grau de desenvolvimento dos países com base em indicadores de desenvolvimento **Aprendizagens essenciais:**

Localizar e compreender os lugares e as regiões:

- Distinguir crescimento económico de desenvolvimento;
- Interpretar mapas temáticos relativos ao grau de desenvolvimento dos países;
- Comparar exemplos de evolução espaço-temporal do grau de desenvolvimento dos países, interpretando mapas;
- Distinguir formas de medir os níveis de desenvolvimento, vantagens e constrangimentos dos índices compostos (IDH, IDG, IPM);
- Comparar informação de Portugal com a de outros países para evidenciar situações de desigualdade demográfica, económica e social;
- Relacionar os níveis de desenvolvimento com os fatores interno e externo que os condicionam.

Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos

- Discutir as vantagens e os constrangimentos da utilização dos índices compostos a diferentes escalas;
- Apresentar situações concretas de desigualdades de desenvolvimento e possíveis formas de as superar **Comunicar e participar**
- Relatar medidas que promovam a cooperação entre povos e culturas.

Descritores do Perfil dos alunos

C; D; E; F; G; H; I

Objetivo e problemática

Objetivo geral: Compreender o grau de desenvolvimento dos países com base no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e em outros Indicadores Compostos.

Objetivos específicos:

- Caracterizar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH);
- Interpretar a distribuição mundial de IDH relacionando-o com o grau de desenvolvimento dos países;
- Mencionar as principais críticas à utilização do IDH;
- Referir outros indicadores compostos utilizados na avaliação do grau de desenvolvimento dos países;
- Explicar em que consiste o Índice de Desigualdade de Género (IDG) e o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM)
- Inferir a partir do IDH e de outros indicadores compostos as disparidades de desenvolvimento às escalas internacional e intranacional.

Questão-chave: Qual a importância do IDH para compreender o grau de desenvolvimento dos países e quais as suas limitações?

Sumário: Revisões da última aula sobre os conceitos de crescimento e desenvolvimento humano. O Grau de Desenvolvimento dos Países com base nos Indicadores de Desenvolvimento. Introdução ao estudo dos principais obstáculos ao desenvolvimento dos países.

Dimensão conceptual

Conceitos: Desenvolvimento económico e social, Países desenvolvidos, Países em vias de desenvolvimento, PIB (Produto Interno Bruto), Nível de vida, Níveis de riqueza, Natalidade/ Mortalidade, Qualidade de vida, Indicadores demográficos/ económicos e sócio culturais, Crescimento Natural, Pirâmide Etária, Estrutura etária, Explosão demográfica, Agricultura tradicional, Assimetrias entre países ricos e países pobres, Dívida externa, Índice de Desenvolvimento Humano, Nível de escolaridade.

Sequência e materiais

Estratégia da aula:

Retrospeção sobre a aula anterior.

Diálogo vertical, sobre o IDH de forma a revermos o seu conceito e introduzirmos novas componentes deste indicador – conceito; como é constituído; classificação.

Análise do mapa do Índice de Desenvolvimento Humano, pretendendo verificar as desigualdades, a nível mundial.

Diálogo vertical sobre as principais limitações do IDH.

Diálogo vertical sobre os conceitos de Índice de Desigualdade de Género e Índice de Pobreza Multidimensional, com base em mapas e gráficos.

Diálogo vertical a fim de fazer a introdução ao estudo dos principais obstáculos ao desenvolvimento humano.

Elaboração do sumário.

Estratégias:

Projeção de vários mapas e imagens sobre os conceitos/temas abordados na aula.

Recursos: Manual adotado, computador, ecrã, videoprojector, quadro negro, giz, PowerPoint.

Bibliografia:

Batouxas, Mariana e Viegas, Julieta (1998) - Dicionário de Geografia, 1ª edição, Edições Silabo, Lisboa;

Baund, Pascoal; Bourgeat, Serge e Bras, Catherine (1997) - Dicionário de Geografia, 1ª edição, Plátano edições técnicas, Lisboa;

Meadows, Donella (1972) – “Os limites do conhecimento”. Col. Viragem, nº5. Publicações Dom Quixote. Lisboa.

Claval, Paul (1987) – “Geografia do Homem, Capítulo XI – Organização regional do espaço, transportes e comunicação”. Edições Almedina, Coimbra;

Gomes, Ana; Boto, Anabela Santos (2008) - “Fazer Geografia: Contrastes no Desenvolvimento”. 1ª Edição, Porto. Porto Editora;

Matos, Maria João; Castelão, Raul (2008) - “À Descoberta” tema E e F. 1ª edição. Carnaxide. Santillana Constância;

Ribeiro, Isabel José; Costa Madalena; Carrapa, Maria Eduarda (2008) - “Fases da Terra: Contrastes de Desenvolvimento”, 1ª edição, Maia. Areal editores;

Rodrigues, Arinda; Coelho, João; (2008) – “Viagens, População e Povoamento, actividades económicas”; 1ª edição. Texto Editore Lda, Lisboa.

Avaliação

- Participação oral na aula;
- Curiosidade pelas temáticas abordadas;
- Aplicação das matérias lecionadas.

Agrupamento de Escolas de Mealhada Ano Letivo 2020/2021 Geografia 9º ano	
Plano de Aula	
Professora: Marlene Urze Ferreira	
Data: 25 de maio de 2021	Hora: 8:30 – 10:20 (2 aulas de 50 minutos)
Sala: 3.1	Turma: 9ºC

Dimensão Curricular

Tema: Riscos, Ambiente e Sociedade

Sub-tema: 2 - Riscos Mistos

Aprendizagens essenciais:

Localizar e compreender os lugares e as regiões:

- Identificar a interferência do Homem no sistema Terra-Ar-Água (poluição atmosférica)

Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos

- Identificar situações concretas de complementaridade e interdependência entre lugares, regiões ou países na resolução de problemas ambientais.

Comunicar e participar

- Relatar situações concretas de complementaridade e interdependência entre regiões, países ou lugares.

Descritores do Perfil dos alunos

C; D; E; F; G; H; i

Objetivos problemática

Objetivo geral:

Compreender a importância da atmosfera no equilíbrio térmico da

Terra **Objetivos específicos:**

- Definir atmosfera, referindo a sua composição e funções;
- Caracterizar a estrutura vertical da atmosfera;
- Distinguir radiação solar de radiação terrestre;
- Explicar a importância da atmosfera na absorção, difusão e reflexão das radiações solar e terrestre;

- Explicar o balanço térmico;

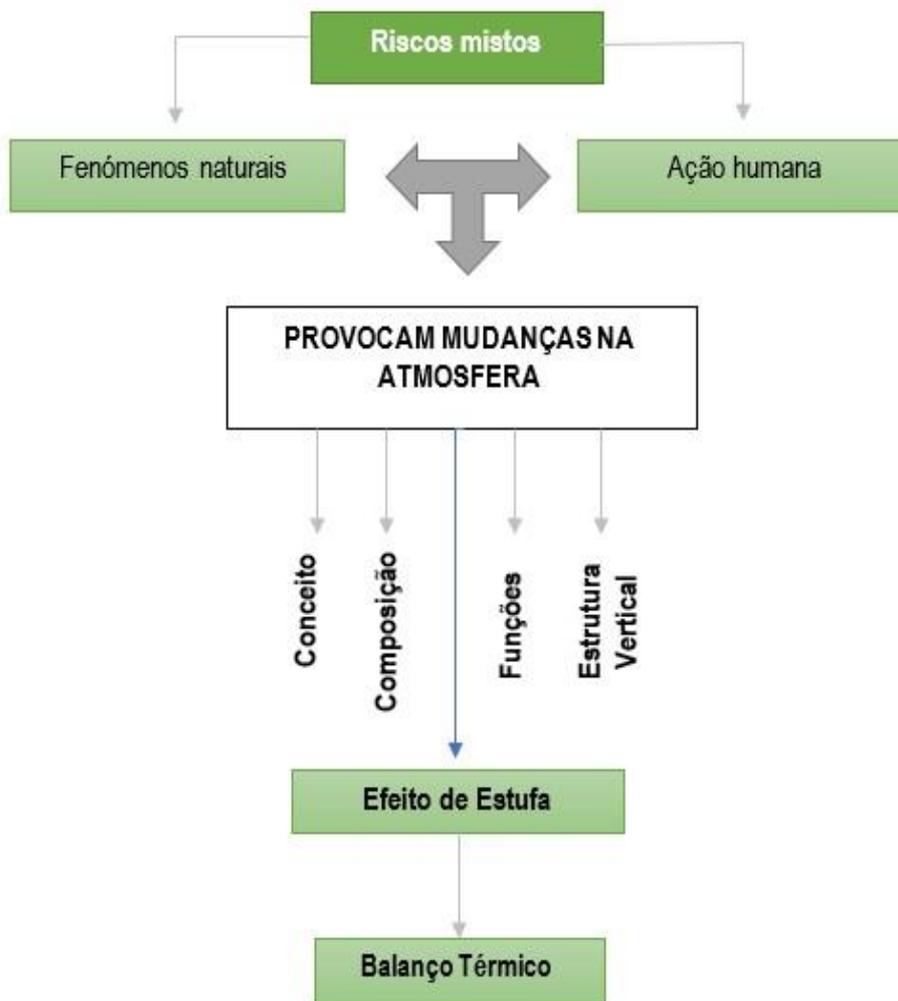
Questão-chave: Como é que o Ser Humano interfere no sistema Terra – Ar – Água?

Sumário: A atmosfera: noção, composição, funções e sua estrutura. A importância da atmosfera para a vida na Terra.

Dimensão

Conceitos: Atmosfera; Troposfera; Estratosfera; Mesosfera; Termosfera; Radiação Solar; Radiação Terrestre; Contra-radiação; Absorção; Difusão; Reflexão; Albedo; Balanço Térmico; Equilíbrio Térmico; Efeito de estufa.

Esquema Conceptual:



Sequência e materiais

Estratégia da aula:

Retroação com vista a estabelecer a ponte para o estudo dos riscos mistos.

Diálogo com os alunos para determinar a importância da atmosfera para a vida na Terra.

Exploração de um powerpoint.

Visualização de um vídeo e preenchimento do guião de exploração.

Sistematização da aula.

Elaboração do sumário.

Estratégias:

- Exploração da apresentação powerpoint.
- Análise do esquema da página 134 do manual adotado.
- Visualização de um vídeo e preenchimento do guião de exploração.

Recursos: Manual adotado, computador, ecrã, videoprojector, quadro negro e giz, vídeo, powerpoint, guião de exploração.

Bibliografia:

Webgrafia

- <https://www.youtube.com/watch?v=e054mplj5nw>
- <https://www.goconqr.com/flashcard/10863672/subsistemas-terrestres>
- <https://www.dn.pt/sociedade/-agua-vai-faltar-a-250-milhoes-de-pessoas-na-regiao-domediterraneo-13536411.html>; 6 de abril, 2021
- <https://www.jn.pt/mundo/nivel-atual-de-emissao-de-gases-vai-elevar-a-temperatura-mais-tresgraus-11756702.htm>; 28 de janeiro, 2020
- <http://environmentalteam.blogspot.com/p/efeitoestufa.htmlwwhtt>
- <https://cetesb.sp.gov.br/biogas/2015/12/07/eletricidade-e-o-setor-campeao-na-emissao-dos-gases-do-efeito-estufa/>

- Participação oral na aula;
- Curiosidade pelas temáticas abordadas;
- Envolvimento nas tarefas da aula;
- Correção e pertinência das respostas.

Agrupamento de Escolas de Mealhada Ano Letivo 2020/2021 Geografia 11º ano	
Plano de Aula	
Professora: Marlene Urze Ferreira	
Data: 14 de junho de 2021	Hora: 8:30 – 10:20 (2 aulas de 50 minutos)
Turma 11ºC	

Dimensão Curricular

Tema: 3. Os espaços organizados pela população

Sub-tema: 3.3. As áreas rurais em mudança

3.3.1. As novas oportunidades para as áreas rurais

Aprendizagens essenciais:

Localizar e compreender os lugares e as regiões:

Localizar as NUTS, no território Português;

Compreender a multifuncionalidade dos espaços rurais;

Identificar as diferenças entre diferentes espaços rurais;

Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos

Reconhecer a valorização das áreas rurais tendo em conta o desenvolvimento sustentável;

Sinalizar as novas atividades, dos espaços rurais, como motor de novas oportunidades;

Equacionar o impacto do Turismo no desenvolvimento das áreas rurais;

Refletir sobre as consequências da implantação de indústrias nas áreas rurais;

Aferir o papel dinamizador dos serviços nas áreas rurais;

Admitir a importância da iniciativa comunitária LEADER para o desenvolvimento rural.

Comunicar e participar

Formular hipóteses que minimizem as consequências do desenvolvimento dos espaços rurais; Analisar casos de reconfiguração territorial a partir de parcerias territoriais.

Descritores do Perfil dos alunos

C; D; E; F; G; H; i

Objetivos e problemática

Objetivo geral:

Compreender as novas dinâmicas dos espaços rurais: potencialidades e fragilidades.

Objetivos específicos:

- Equacionar a valorização das áreas rurais tendo em conta o desenvolvimento sustentável dessas áreas;
- Equacionar o impacto do turismo no desenvolvimento das áreas rurais;
- Refletir sobre as consequências da implantação de indústrias nas áreas rurais;
- Reconhecer o papel dinamizador dos serviços nas áreas rurais;
- Reconhecer a importância da iniciativa comunitária LEADER para o desenvolvimento rural.

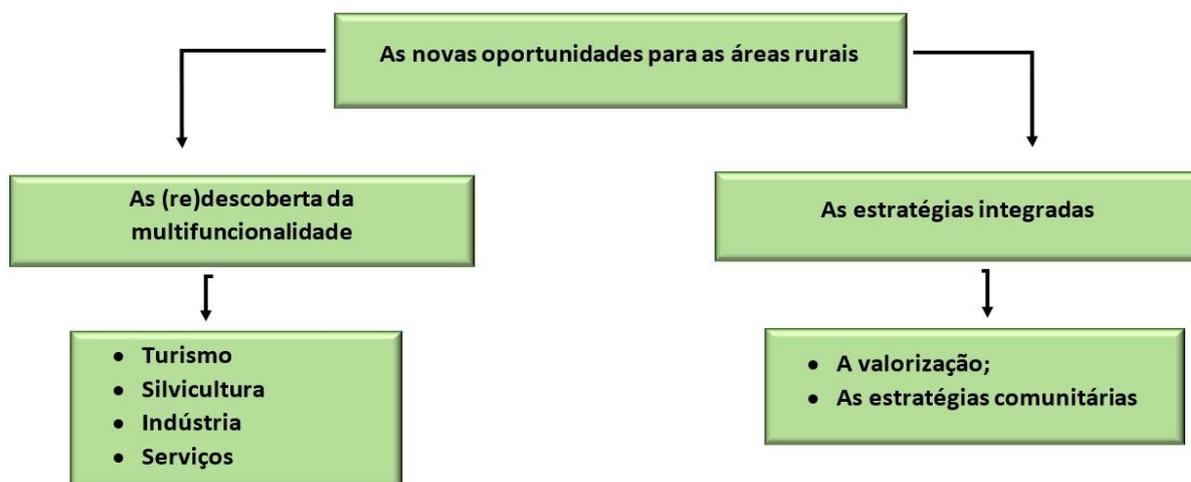
Questão-chave: Como desenvolver o espaço rural de forma sustentável?

Sumário: Revisões sobre “As novas oportunidades para as áreas rurais”.

Dimensão conceptual

Conceitos: espaço rural; Nuts; turismo; TER; turismo sustentável; multifuncionalidade; FEDER; FSE; LEADER

Esquema Conceptual:



Sequência e materiais

Estratégia da aula:

Reflexão sobre o tema de estudo, “As novas oportunidades para as áreas rurais”, após a visualização de um documentário sobre “Casos de sucesso de jovens empresários no espaço rural”.

Diálogo com os alunos de forma a compreenderem como “estes jovens”, que têm o intuito de apostar nas potencialidades dos espaços rurais, poderão ajudar no desenvolvimento sustentável, dos mesmos.

Realização de uma ficha de trabalho com o objetivo dos alunos aplicarem os conhecimentos já adquiridos, ao longo do ano, baseando-se na análise, nomeadamente, de textos, gráficos e mapas.

Correção da ficha de trabalho.

Elaboração do sumário.

Estratégias:

- Visualização de um documentário.
- Diálogo com os alunos sobre o tema abordado no vídeo apresentado, de forma a chegarmos ao tema das novas oportunidades para as áreas rurais.
- Elaboração de uma ficha de trabalho.

Recursos: Manual adotado, computador, ecrã, videoprojector, quadro negro e giz, vídeo, PowerPoint, papel, esferográfica.

Bibliografia:

Alves, Teresa (2002) – “Os serviços nas áreas rurais: inovação social e território”. *GeoINova*, nº5 – “Serviços, Inovação e Território”. Pp 111-138

Batista, J. (2015) – “O Espaço Rural – As aldeias do Xisto da Serra da Lousã”. Dissertação de Mestrado em Design de Interiores, na Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva. P36-39

Cardoso, Patrícia (2011) – “Dinâmicas do Mundo Rural no Virar do Século – O Concelho do Sabugal”.

Dissertação de Mestrado em Geografia (Geografia Humana, Ordenamento do Território e Desenvolvimento) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (s.n.). pp 39-61

Correia, Juliana; Carvalho, Paulo (2009) – “Turismo e desenvolvimento rural. O caso do Piódão (Aldeias

Históricas de Portugal)”. *Cadernos de Geografia nº 28 e 29*. Coimbra. pp117-130

Reis, Paula (2012) – “Desenvolvimento Local: o binómio turismo/áreas rurais nas estratégias de desenvolvimento local”. *Exedra-Revista Científica, nº 6* – Escola Superior de Educação de Coimbra. Coimbra. pp 163-168

Comissão Europeia Direcção-Geral da Agricultura e do Desenvolvimento Rural (2006) – “A ABORDAGEM LEADER – Um guia básico. https://www.rederural.gov.pt/images/A_abordagem_LEADER.pdf (Consultado a 10/06/2021)

Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (2021) – *Fator de Desenvolvimento Rural*. Disponível em <https://www.dgadr.gov.pt/diversificacao/turismo-rural/fator-de-desenvolvimento-rural>.

(consultado a 10/6/2021) <https://www.examesnacionais.com.pt/exames-nacionais-11-ano.php> (consultado a 10/6/2021)

OBSERVADOR (s/d) – “Portugal é "o campeão europeu" dos incêndios onde todos os anos arde mais de 3% da floresta, diz WWF”. Disponível em <https://observador.pt/2020/06/25/portugal-e-o-campeaoeuropeu-dos-incendios-onde-todos-os-anos-arde-mais-de-3-da-floresta-diz-wwf/> 25 jun 2020, 16:47, (consultado em 10/06/2021)

Avaliação

Observação direta na sala de aula:

- Participação oral na aula;
- Curiosidade pelas temáticas abordadas;
- Envolvimento nas tarefas da aula;
- Correção e pertinência das respostas.

Agrupamento de Escolas de Mealhada Ano Letivo 2020/2021 Geografia 9º ano	
Plano de Aula	
Professora: Marlene Urze Ferreira	
Data: 1 de junho de 2021	Hora: 8:30 – 10:20 (2 aulas de 50 minutos)
Sala: 3.1	Turma: 9ºC

Dimensão Curricular

Tema: Riscos, Ambiente e Sociedade

Sub-tema: 2 - Riscos

Mistos **Aprendizagens**

essenciais:

Localizar e compreender os lugares e as regiões:

- Identificar a interferência do Homem no sistema Terra-Ar-Água (poluição atmosférica)

Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos

- Identificar situações concretas de complementaridade e interdependência entre lugares, regiões ou países na resolução de problemas ambientais.

Comunicar e participar

- Relatar situações concretas de complementaridade e interdependência entre regiões, países ou lugares.

Descritores do Perfil dos alunos

C; D; E; F; G; H; i

Objetize problemática

Objetivo geral:

Conhecer a influência da poluição atmosférica no efeito de estufa e na camada de ozono **Objetivos específicos:**

1. Identificar os gases que contribuem para o aumento do efeito de estufa.
2. Identificar consequências do aumento dos gases com efeito de estufa nas alterações climáticas globais e locais.
3. Localizar os países ou regiões que mais contribuem para o aumento dos gases com efeito de estufa.

4. Identificar os gases responsáveis pela diminuição do ozono
5. Identificar as consequências da depleção da camada do ozono.
6. Reconhecer medidas de mitigação da poluição atmosférica, visando o equilíbrio global do planeta.

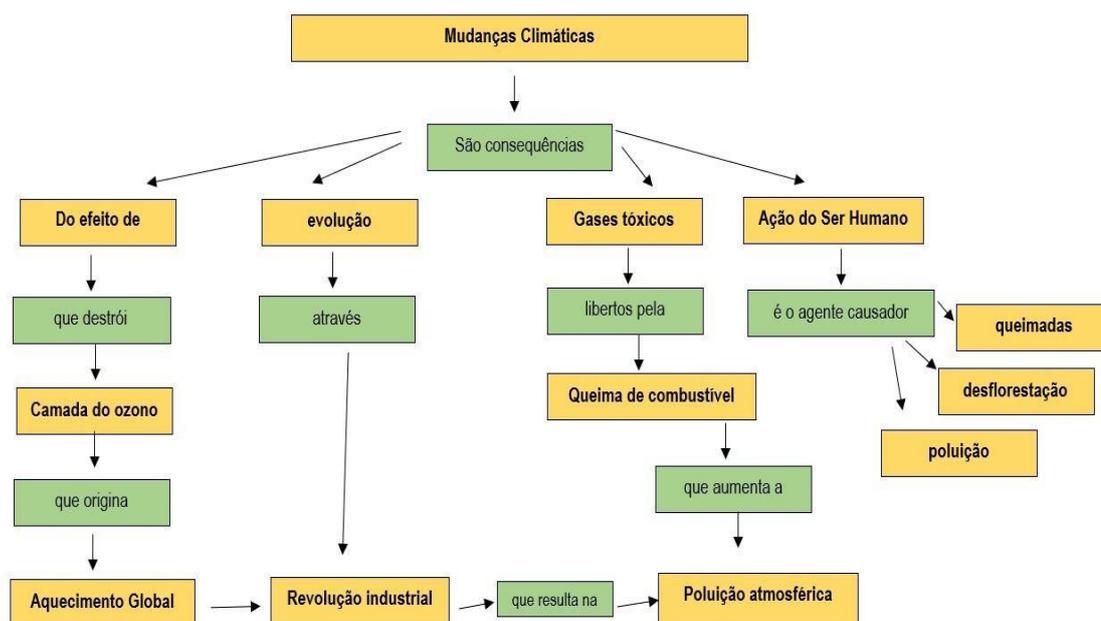
Questão-chave: Como é que o Ser Humano interfere no sistema Terra – Ar – Água?

Sumário: A influência da poluição atmosférica no efeito de estufa e na camada de ozono. Correção do trabalho de casa.

Dimensão conceptual

Conceitos: Efeito de estufa; Gases com efeito de Estufa (GEE); Aquecimento Global; Camada do Ozono.

Esquema Conceptual:



Sequência e materiais

Estratégia da aula:

Retroação sobre a última aula de forma a que os alunos consigam entender a importância da atmosfera para a existência de vida na Terra.

Visualização de um vídeo e elaboração de um esquema síntese dos temas abordados no mesmo.

Diálogo com os alunos para determinar a influência da poluição atmosférica no efeito de estufa e na camada do ozono.

Exploração de um PowerPoint.

Sistematização da aula.

Elaboração do sumário.

Estratégias:

- Visualização de um vídeo e preenchimento do guião de exploração.
- Elaboração de um esquema síntese sobre os temas abordados no vídeo apresentado.
- Exploração da apresentação PowerPoint.

Recursos: Manual adotado, computador, ecrã, videoprojector, quadro negro e giz, vídeo, powerpoint, guião de exploração.

Bibliografia:

Campar, António; Nunes, Adélia e Figueiredo, Albano (2013). Riscos Naturais Antrópicos e Mistos. Paisagem sob risco em Portugal: um contributo. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 741-750.

Lourenço, Luciano (2007). Riscos Naturais, antrópicos e mistos. Territorium 14, pp. 109-113.

Lourenço, Luciano (2007). Riscos e catástrofes. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 60-67.

Monteiro, Ana (1995). Perceptibilidade, risco e vulnerabilidade em climatologia – Um estudo de caso no Porto. Territorium 2, pp. 51-63.

Rebelo, Fernando (2001). Riscos Naturais e Acção Antrópica. Coimbra, Imprensa da Universidade, 274 p. Rebelo, Fernando (2010). Geografia Física e Riscos Naturais. Coimbra, Imprensa da Universidade, 215 p.

<https://pplware.sapo.pt/ciencia/buraco-do-ozono-esta-a-fechar/>

Avaliação

Observação direta na sala de aula:

- Participação oral na aula;
- Curiosidade pelas temáticas abordadas;
- Envolvimento nas tarefas da aula;
- Correção e pertinência das respostas.

Agrupamento de Escolas de Mealhada Ano Letivo 2020/2021 Geografia 9º ano	
Plano de Aula	
Professora: Marlene Urze Ferreira	
Data: 8 de junho de 2021	Hora: 8:30 – 10:20 (2 aulas de 50 minutos)
Sala: 3.1	Turma: 9ºC

Dimensão Curricular

Tema: Riscos, Ambiente e Sociedade

Sub-tema: 2 - Riscos Mistos

Aprendizagens essenciais:

Localizar e compreender os lugares e as regiões:

- Identificar a interferência do Homem no sistema Terra-Ar-Água (smog e chuvas ácidas)
- Identificar soluções técnico-científicas que contribuam para reduzir o impacte ambiental das atividades humanas.

Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos

- Identificar situações concretas de complementaridade e interdependência entre lugares, regiões ou países na resolução de problemas ambientais.

Comunicar e participar

- Relatar situações concretas de complementaridade e interdependência entre regiões, países ou lugares.

Descritores do Perfil dos alunos

C; D; E; F; G; H; i

Objetivos problemática

Objetivo geral:

Compreender a influência da poluição atmosférica na formação do *smog* e das *chuvas ácidas*.

Objetivos específicos:

1. Explicar o processo de formação do *smog*.
2. Analisar as consequências do *smog* para a saúde e qualidade de vida das populações.
3. Definir chuvas ácidas, dando ênfase ao processo de formação.
4. Indicar as regiões que são mais afetadas pelas chuvas ácidas à escala planetária e em Portugal.

5. Analisar as principais consequências das chuvas ácidas.
6. Identificar medidas de prevenção na formação do *smog* e das chuvas ácidas.

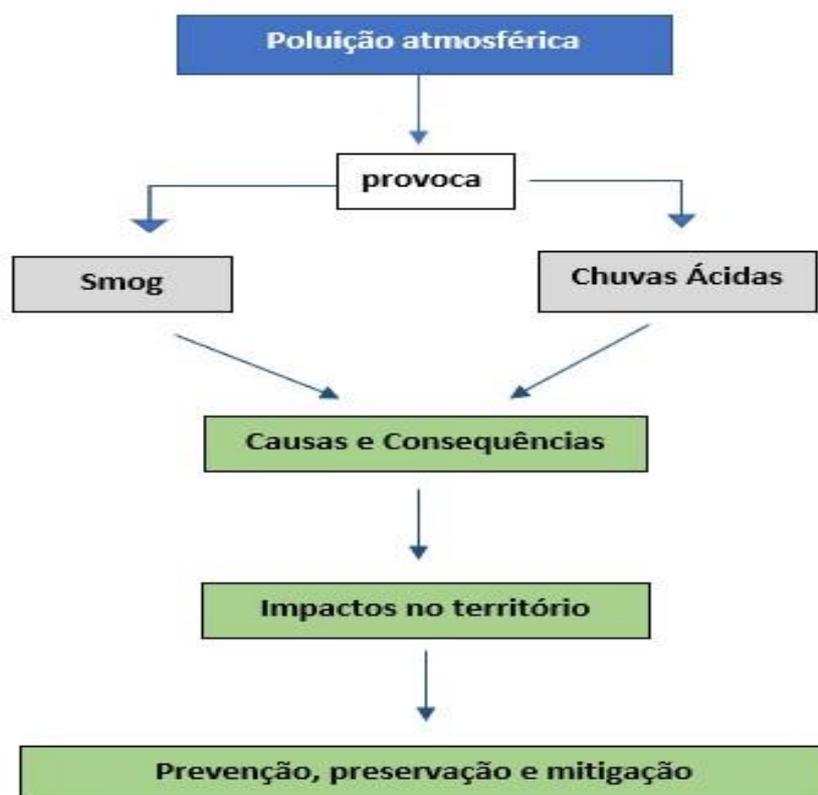
Questão-chave: Como é que o Ser Humano interfere no sistema Terra – Ar – Água?

Sumário: A influência da poluição atmosférica na formação do *smog* e das chuvas ácidas: causas e consequências.

Dimensão conceptual

Conceitos: Smog; Chuvas ácidas; Eutrofização; Acidificação.

Esquema Conceptual:



Sequência e materiais

Estratégia da aula:

Retroação sobre a última aula de forma a que os alunos consigam aferir as consequências da poluição atmosférica estudadas: o efeito de estufa e a camada do ozono.

Visualização de um filme sobre as consequências do fenómeno smog com elaboração de guia.

Diálogo com os alunos para compreender a influência da poluição atmosférica na formação do smog e das chuvas ácidas.

Exploração de um PowerPoint.

Elaboração do sumário.

Estratégias:

- Visualização de um filme e preenchimento do guião de exploração.
- Diálogo com os alunos sobre o tema abordado no vídeo apresentado, de forma a chegarmos ao conceito de smog, as suas causas e consequências.
- Exploração da apresentação PowerPoint.

Recursos: Manual adotado, computador, ecrã, videoprojector, quadro negro e giz, vídeo, PowerPoint, guião de exploração.

Bibliografia:

Campar, António; Nunes, Adélia e Figueiredo, Albano (2013). Riscos Naturais Antrópicos e Mistos. Paisagem sob risco em Portugal: um contributo. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 741-750.

Lourenço, Luciano (2007). Riscos Naturais, antrópicos e mistos. Territorium 14, pp. 109-113.

Lourenço, Luciano (2007). Riscos e catástrofes. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 60-67.

Monteiro, Ana (1995). Perceptibilidade, risco e vulnerabilidade em climatologia – Um estudo de caso no Porto. Territorium 2, pp. 51-63.

Rebelo, Fernando (2001). Riscos Naturais e Acção Antrópica. Coimbra, Imprensa da Universidade, 274 p.

Rebelo, Fernando (2010). Geografia Física e Riscos Naturais. Coimbra, Imprensa da Universidade, 215 p.

Web Bibliografia:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1404/1194~>

https://www.eea.europa.eu/pt/publications#c7=pt&c11=5&c14=&c12=&b_start=0

<https://www.eea.europa.eu/data-and-maps>

<https://www.eea.europa.eu/>

<https://www.quercus.pt/participe-litoral/2645-chuvas-acidas>

<https://www.iberdrola.com/meio-ambiente/chuva-acida>

Avaliação

Observação direta na sala de aula:

- Participação oral na aula;
- Curiosidade pelas temáticas abordadas;
- Envolvimento nas tarefas da aula;
- Correção e pertinência das respostas.

Agrupamento de Escolas de Mealhada
Ano Letivo 2020/2021
Geografia 9º ano
Plano de Aula

Professora: Marlene Urze Ferreira

Data: 15 de junho de 2021

Hora: 8:30 – 10:20 (2 aulas de 50 minutos)

Sala: 3.1 **Turma** 9ºC

Objetivos e problemática

Objetivo geral:

Revisão da matéria lecionada, ao longo do ano.

Sumário: Autoavaliação e Heteroavaliação. Realização de um jogo didático.

Sequência e materiais

Estratégia da aula:

Diálogo com os alunos sobre a heteroavaliação.

Realização de um jogo didático: “O Melhor da Turma”.

Elaboração do sumário.

Estratégias:

- Exploração de um jogo didático: perguntas/respostas, sobre os temas lecionados ao longo do ano

Recursos: computador, ecrã, videoprojector, quadro negro e giz.

Bibliografia:

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerteacher/resource/360563/E?se=&seTy pe=&cold=5892&bkid=161798 76>

Avaliação

Observação direta na sala de aula:

- Participação oral na aula;
- Envolvimento nas tarefas da aula;
- Correção e pertinência das respostas.

ANEXO IV

Experiência no PIEF

Nome (opcional):

Sexo: _____

Idade a quando a frequência no PIEF:

Quem era o teu encarregado de educação?

Qual o grau de escolaridade do encarregado de educação?

Profissão do encarregado de educação à altura da tua frequência no PIEF?

R:

– Quantas retenções tiveste até iniciares o percurso no PIEF?

R:

- Em que anos de escolaridade?

R:

– Causas da(s) reprovação (ões)

Não estudar

Não conseguir estar atento

Mau comportamento

Faltar às aulas

- Que motivos te levaram a frequentar o PIEF?

Porque fui sinalizado pela CPCJ

Porque fui sinalizado pela escola onde estudava

Porque tinha amigos que também estudaram no PIEF

Por minha iniciativa

Outros

- Durante quanto tempo frequentaste o PIEF?

R:

- O que fazias antes de entrar para o PIEF?

Não fazia nada Trabalhava em casa Trabalhava fora de casa

Ficava em casa a ver televisão Passava o dia na rua, com os meus amigos

Estava a estudar noutra escola

- Como passaste a ver a escola depois da experiência no PIEF?

É um sítio fixe Não gosto da escola

Gosto de estudar Só ia à escola porque era obrigado/a

Gostava dos professores Não gostava dos professores nem dos colegas

Gostava das atividades desenvolvidas Não gostava de estar nas aulas

- O que achas de diferente no PIEF em relação à escola/turma que frequentavas?

Gosto mais dos professores Acho que é tudo igual: uma seca

Fazemos mais atividades Na outra escola/turma não tinha que estudar

Gosto mais dos meus amigos Na outra escola/turma não fazíamos atividades

7 - Achas que o PIEF foi importante para conseguires terminar os teus estudos?

Sim Não Não sei

- Achas que o PIEF te ajudou a conseguir um trabalho?

Sim Não Não sei

- Quais foram as vantagens que achas que tiveste ao frequentar o PIEF?

Acho que consegui um trabalho Acho que não houve vantagens nenhuma

Acho que me ajudou a continuar a estudar

- Conheces outras pessoas que tenham, ou estejam, a frequentar o PIEF?

Sim Não

- Conheces alguém que tenha saído do PIEF sem ter sido certificado?

Sim Não

Se respondeste que sim, sabes por que razões?

Sim Não

- Quais foram?

R:

- O que é que gostaste mais no PIEF?

R:

- E o que gostaste menos?

R:

- Quando terminaste o teu percurso no PIEF continuaste os estudos?

Sim Não

Se sim, porquê?

Se não, porquê?

- Neste momento, qual a tua escolaridade?

R:

- Qual a tua profissão?

R:

ANEXO V

Entrevistas aos docentes do PIEF da T2

2010/2011

Nome:

Idade: _____

Tipo de Contrato: _____

Tempo de Serviço: _____

E: Quantos anos trabalhou com as turmas PIEF?

R:

E: Trabalhava, com estas turmas, desde quando até 2011?

R:

E: Qual a sua formação base?

R:

E: Tem alguma especialização?

R:

E: Que tipo de funções desempenhou neste Programa?

R:

E: Como viveu, estes anos de trabalho, com os jovens das turmas PIEF (as principais mudanças/dificuldades)?

R:

E: Até que ponto a oferta formativa corresponde às expectativas dos jovens e necessidades no mercado de trabalho?

R:

E: Quais os principais contributos do PIEF e do programa de estágios nas vidas destes jovens?

R:

E: Que razões levam as empresas a proporcionar estágios a estes jovens?

R:

E: Quais foram, na sua opinião, as competências que estes jovens desenvolveram (ou têm vindo a desenvolver) no PIEF?

R:

E: Quais as maiores dificuldades sentidas na integração destes jovens quando são inseridos no PIEF?

R:

E: Acha que existe uma integração destes jovens, no ambiente escolar?

R:

E: Quais as maiores dificuldades que sentiu, enquanto docente, destas turmas?

R:

E: Que condições deve ter a escola regular para poder trabalhar em conjunto com o PIEF?

R:

E: Que articulação deve existir entre os diferentes serviços?

R:

E: Que propostas faria para alterar a oferta educativa/formativa, dos jovens, com vista a uma continuidade nos estudos ou à melhor integração no mercado de trabalho?

R:

ANEXO VI

Programa Integrado de Educação e Formação
Apreciação Curricular

Níveis de análise	a	b	c	d	e
Critérios de análise					
Assiduidade	Falta injustificada a mais de 3% das aulas dadas.	Falta a mais de 10% das aulas, com justificação.	Falta entre 5% a 10% das aulas, com justificação.	Falta a menos de 5% das aulas, com justificação.	Nunca falta.
Pontualidade	Nunca é pontual.	Raramente é pontual.	Pontualidade irregular.	É quase sempre pontual.	É sempre pontual.
Trabalho extra aula	Nunca faz o trabalho extra aula.	Raramente faz o trabalho extra aula.	Faz irregularmente o trabalho extra aula.	Faz quase sempre o trabalho extra aula.	Faz sempre o trabalho extra aula.
Responsabilidade	Não assume qualquer responsabilidade.	Raramente é responsável pelos seus actos.	Assume irregularmente a responsabilidade.	É quase sempre responsável pelos seus actos.	É sempre responsável.
Comportamento	É indisciplinado.	Raramente tem comportamento adequado.	Comportamento irregular.	Tem quase sempre comportamento adequado.	Tem sempre comportamento adequado.

Relacionamento	Não tem relacionamen to adequado.	Raramente tem relacionamen to adequado.	Relacioname nto irregular.	Tem quase sempre relacionamen to adequado.	Tem sempre relacionamen to adequado.
Participação	Nunca participa.	Participa raramente.	Participação irregular.	Participa adequadamen te, quase sempre.	Participa adequadamen te sempre.
Recursos	Nunca tem o material didáctico adequado.	Raramente tem o material didáctico adequado.	É irregular no uso de material didáctico próprio.	Tem quase sempre o material didáctico adequado.	Tem sempre o material didáctico adequado.
Cooperação	Nunca coopera.	Coopera raramente.	Cooperação irregular.	Coopera quase sempre.	Coopera sempre.
Informação	Não organiza a informação.	Tem dificuldade em organizar a informação.	Tem alguma facilidade em recolher e organizar informação.	Selecciona, recolhe e organiza informação, com facilidade.	Pesquisa, recolhe, organiza e produz informação.
Expressão escrita	Tem muita dificuldade em comunicar.	Tem dificuldade em comunicar.	Comunica com alguma facilidade	Comunica com facilidade.	Comunica claramente.

Níveis de análise	a	b	c	d	e
-------------------	---	---	---	---	---

Critérios de análise					
Expressão oral	Tem muita dificuldade em comunicar.	Tem dificuldade em comunicar.	Comunica com alguma facilidade.	Comunica com facilidade.	Comunica claramente.
Saberes Aprendizagens	Tem muita dificuldade na aquisição de conhecimentos.	Tem dificuldade na aquisição de conhecimentos.	Adquire e aplica os conhecimentos com alguma facilidade	Utiliza os saberes com facilidade.	Utiliza os saberes com muita facilidade.
Metodologia	Não estabelece uma metodologia de trabalho e de aprendizagem .	Estabelece com dificuldade uma metodologia de trabalho e de aprendizagem .	Estabelece a metodologia de trabalho e aprendizagem com alguma facilidade.	Estabelece com facilidade a metodologia de trabalho e de aprendizagem .	Estabelece uma metodologia personalizada , de trabalho e de aprendizagem
Conteúdos	Revela muita dificuldade em mais de 60% dos conteúdos. (indicar as dificuldades)	Revela alguma dificuldade em abordar os conteúdos. (indicar as dificuldades)	Revela alguma facilidade em abordar os conteúdos. (indicar as dificuldades)	Revela facilidade em abordar os conteúdos. (indicar as dificuldades)	Domina os conteúdos com facilidade e segurança.
Auto Avaliação	Não consegue avaliar o seu desempenho.	Revela alguma dificuldade em avaliar o seu desempenho.	Revelou facilidade em avaliar o seu desempenho.	Avalia com rigor, o seu desempenho.	Avalia e adequa o seu desempenho, com rigor.
Resolução de problemas	Não consegue resolver problemas.	Revela alguma dificuldade	Consegue resolver autonomame	Resolve problemas	Resolve problemas autonomame

		em resolver problemas.	nte alguns problemas.	autonomame nte.	nte e com rigor.
--	--	---------------------------	--------------------------	--------------------	---------------------

ANEXO VII

1º Projecto: “Eu e a Escola”

1ª Semana de 30/09 e 02/10/2009

Tempos	2ª Feira	Tempos	3ª Feira	Tempos	4ª Feira 30/09	Tempos	5ª Feira 01/10	Tempos	6ª Feira 02/10
				09:00-10:20	- Apresentação (Nomes Cruzados) - Apresentação do Projecto PIEF e Regras de Funcionamento. - Jogo do Novelo - Reconhecimento do espaço escolar	09:00-10:30	- Jogo do timbre. - Mímica com música de fundo.	09:00-10:30	- O meu perfil/ Organização do dossier.
				10:20-10:50-Intervalo da manhã 30 min.	10:30-10:50- Intervalo da manhã 20 min.			10:30-10:50- Intervalo da manhã 20 min.	
				10:50-12:30	- Jogos tradicionais.	10:50-12:30	- Jogos matemáticos	10:50-12:30	- Continuação da actividade “O meu perfil/

									Organização do dossier”.
			12:30-14:00-Intervalo para almoço 1h30 min.		12:30-13:30-Intervalo para almoço 60 min.			12:30-13:30-Intervalo para almoço 60 min.	
			14:00-15:30	- O meu B.I. - A máquina de escrever de Anderson.	13:30-15:45	- Visionamento de um filme e comentário do mesmo.		13:30-15:30	- Entrega do horário do aluno. - Lenga-lenga rítmica.
			15:30-15:45- Intervalo da tarde 15 min.		15:45-16:00-Intervalo da tarde 15 min.			15:30-15:45-Intervalo da tarde 15 min.	
			15:45-16:45	- Hora Desportiva.	16:00-17:00	- Hora Desportiva.		15:45-17:00	- Hora Desportiva.

1º Projecto: “Eu e a Escola”

2ª Semana de 06/10 a 09/10/2009

Tempos	2ª Feira	Tempos	3ª Feira	Tempos	4ª Feira	Tempos	5ª Feira	Tempos	6ª Feira
09:00-09:45	Feriado Nacional	09:00-09:45	HÁ	09:00-09:45	VP	09:00-09:45	AISC	09:00-09:45	VP

09:45-10:30		09:45-10:30	Apresentação do projecto “Eu e a Escola” e Funcionamento da disciplina. A minha alimentação. (MR)	09:45-10:30	Questionário de interesses e expectativas sobre a disciplina. Actividade lúdica “O chapéu dos desejos.” Jogo: “Dois dedos de conversa.” (CLE)	09:45-10:30		09:45-10:30	Área vocabular: A escola. Ordem alfabética/ dicionário. A escola de A a Z – produção de um poema colectivo.
		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50- Intervalo da manhã 20 min.		10:30-11:15	
10:50-11:35		10:50-11:35	FC Assembleia de turma: As regras. (TIC)	10:50-11:35	CLE O inglês no mundo. Saudações. Apresentação individual (nome, apelido, país e nacionalidade). (VP)	10:50-11:35	AISC	11:15-11:35- Intervalo da manhã 20 min.	
11:35-12:20		11:35-12:20		11:35-12:20		11:35-12:20		11:35-12:20	AP Informação do funcionamento da disciplina.
		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:05	Etapas do projecto. Sugestões para o 1º Projecto.

14:05-14:50		13:20-14:05	SHST Apresentação da disciplina e metodologias a adoptar.	13:20-14:05	HA A roda/ pirâmide dos alimentos. Como escolher os nossos alimentos para uma alimentação saudável.	13:20-14:05	EAAP Regras de funcionamento da disciplina. Pulsação e ritmo.	13:05-14:35- Intervalo para almoço 90 min		
14:50-15:35		14:05-14:15- Intervalo da tarde 10 min.		14:05-14:50		14:05-14:50	Exploração dos instrumentos da sala de aula.	14:35-15:20	EF Regras de funcionamento.	
		14:15-15:00	MR Estatística: Organização e tratamento da informação recolhida em HA .	14:50-15:00-Intervalo da tarde 10 min.		14:50-15:00-Intervalo da tarde 10 min.		15:20-16:05	Teste de condição física. Jogos pré-desportivos.	
15:45-16:30		15:00-15:45		15:00-15:45	TIC Apresentação do projecto através do Blog da Escola. (HA)	15:00-15:45	EAAP Funcionamento da disciplina.	16:05-16:50		
16:30-17:15		15:45-16:30		15:45-16:30		15:45-16:30	O meu retrato – regras básicas do desenho do rosto humano. (VP e TIC)			
				16:30-17:15	Processamento de Texto- Word. (FC)	16:30-17:15				

1º Projecto: “Eu e a Escola”

3ª Semana de 12/10 a 16/10/2009

Tempos	2ª Feira	Tempos	3ª Feira	Tempos	4ª Feira	Tempos	5ª Feira	Tempos	6ª Feira
09:00-09:45	CLE Instruções da sala de aula: imperativo.	09:00-09:45	HÁ O sistema digestivo.	09:00-09:45	VP A classe dos adjetivos.	09:00-09:45	AISC	09:00-09:45	VP Acróstico – auto-retrato.
09:45-10:30	Os objectos da sala de aula: Os pronomes demonstrativos.	09:45-10:30		09:45-10:30	Noção de retrato físico e psicológico. (EAAP e TIC)	09:45-10:30		09:45-10:30	“Como me vejo?": produção textual. (EAAP e TIC) Quem é quem? (retrato físico e psicológico).
10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50- Intervalo da manhã 20 min.		10:30-11:15	
10:50-11:35	MR Tabelas de frequência (frequência absoluta	10:50-11:35	FC Assembleia de turma.	10:50-11:35	CLE Os algarismos. Apresentação individual cont.	10:50-11:35	AISC	11:15-11:35- Intervalo da manhã 20 min.	

11:35-12:20	e relativa). (HÁ), (CLE)	11:35-12:20	Regulamento interno da escola.	11:35-12:20	(idade, morada e nº telefone) (MR)	11:35-12:20		11:35-12:20	AP
12:20-14:05-Intervalo para almoço 1h45 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:05	Estruturação do projecto.
14:05-14:50	FV Levantamento de dados sobre os interesses profissionais dos alunos.	13:20-14:05	SHST Acidentes de trabalho e doenças profissionais. (FV)	13:20-14:05	HÁ A digestão dos alimentos.	13:20-14:05	EAAP Exercícios rítmicos e melódicos. As figuras rítmicas e as notas musicais.	13:05-14:35- Intervalo para almoço 90 min	
14:50-15:35		14:05-14:15- Intervalo da tarde 10 min.		14:05-14:50		14:05-14:50		14:35-15:20	EF Futebol humano. Futebol.
15:35-15:45-Intervalo da tarde 10 min.		14:15-15:00	MR Construção de tabelas e gráficos de barras. (TIC)	14:50-15:00-Intervalo da tarde 10 min.		14:50-15:00-Intervalo da tarde 10 min.		15:20-16:05	
15:45-16:30	FV Quem é quem?	15:00-15:45		15:00-15:45	TIC Construção de tabela e gráficos em Excel. (MR)	15:00-15:45	EAAP O meu retrato – Esboço do auto-retrato.	16:05-16:50	
16:30-17:15	(profissões). (SHST)	15:45-16:30		15:45-16:30		15:45-16:30			
				16:30-17:15	Processamento e formatação de texto. Elaboração da identificação da	16:30-17:15	Início da identificação das capas de trabalho. (TIC)		

							capa de trabalho: (EAAP)				
--	--	--	--	--	--	--	--------------------------	--	--	--	--

1º Projecto: “Eu e a Escola”

4ª Semana de 19/10 a 23/10/2009

Tempos	2ª Feira	Tempos	3ª Feira	Tempos	4ª Feira	Tempos	5ª Feira	Tempos	6ª Feira
09:00-09:45	CLE O horário escolar: disciplinas, dias da semana e números ordinais.	09:00-09:45	HÁ A digestão e a saúde. (CLE, VP)	09:00-09:45	VP Leitura expressiva e interpretação do conto: “O caldo de pedra”. (HA, CLE)	09:00-09:45	AISC	09:00-09:45	VP Do conto à BD.
09:45-10:30		09:45-10:30		09:45-10:30		09:45-10:30		09:45-10:30	Os códigos da BD. A interjeição e a onomatopeia.
10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50- Intervalo da manhã 20 min.		10:30-11:15	
10:50-11:35	MR Leitura e Interpretação de	10:50-11:35	FC	10:50-11:35	CLE Vocabulário sobre a alimentação.	10:50-11:35	AISC	11:15-11:35- Intervalo da manhã 20 min.	

11:35-12:20	tabelas e gráficos de barras.	11:35-12:20	Assembleia de turma – Actividade “Se eu fosse...”	11:35-12:20	As refeições. Exploração de uma receita. (VP, HÁ)	11:35-12:20		11:35-12:20	AP Desenvolvimento do projecto.	
12:20-14:05-Intervalo para almoço 1h45 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:05		
14:05-14:50	FV Técnicas de procura de emprego (anúncios e CV europeu). (SHST, TIC)	13:20-14:05	SHST Acidente e riscos no trabalho. (trabalho seleccionado em FV). (TIC)	13:20-14:05	HÁ Os dentes e a sua higiene.	13:20-14:05	EAAP Improvisação rítmica e melódica e gravação das mesmas.	13:05-14:35- Intervalo para almoço 90 min		
14:50-15:35		14:05-14:15- Intervalo da tarde 10 min.		14:05-14:50		14:05-14:50		14:35-15:20	EF Jogos pré-desportivos: Badmington e ténis de mesa.	
15:35-15:45-Intervalo da tarde 10 min.		14:15-15:00	MR A moda e média aritmética.	14:50-15:00-Intervalo da tarde 10 min.		14:50-15:00-Intervalo da tarde 10 min.		15:20-16:05		
15:45-16:30	FV Continuação da	15:00-15:45		15:00-15:45	TIC Pesquisa e processamento de texto sobre acidentes e risco no trabalho. (SHST, FV)	15:00-15:45	EAAP Conclusão da identificação da capa de trabalho.	16:05-16:50		
16:30-17:15	actividade – Técnicas de procura de emprego.	15:45-16:30		15:45-16:30		15:45-16:30	Pintura dos auto-retratos.			
				16:30-17:15		16:30-17:15				

							Pesquisa de quadras alusivas ao dia de todos os santos.					
--	--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--	--

1º Projecto: “Eu e a Escola”

5ª Semana de 26/10 a 30/10/2009

Tempos	2ª Feira	Tempos	3ª Feira	Tempos	4ª Feira	Tempos	5ª Feira	Tempos	6ª Feira
09:00-09:45	CLE Os alimentos: expressar gostos e preferências. Os pronomes pessoais. (SHST, HA)	09:00-09:45	HÁ Processos de conservação dos alimentos e aditivos alimentares. (SHST, CLE)	09:00-09:45	VP As tradições – dia de todos os santos. Provérbios.	09:00-09:45	AISC	09:00-09:45	VP Preparação da banca para a venda de bolos. (FV, TIC, EAAP e AP)
09:45-10:30		09:45-10:30		09:45-10:30		09:45-10:30		09:45-10:30	
10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-10:50-Intervalo da manhã 20 min.		10:30-11:15	
10:50-11:35	MR Construção de uma tabela de frequência e gráfico de barras sobre a alimentação.	10:50-11:35	FC Preparação da decoração da banca. (MR, CLE)	10:50-11:35	CLE Elaboração de trabalhos alusivos ao dia das bruxas. (MR, FC)	10:50-11:35	AISC	11:15-11:35- Intervalo da manhã 20 min.	
11:35-12:20		11:35-12:20		11:35-12:20		11:35-12:20		11:35-12:20	AP Venda de bolos na vila da Chamusca. (VP, TIC, EAAP e FV)
12:20-14:05-Intervalo para almoço 1h45 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:20-Intervalo para almoço 60 min.		12:20-13:05	
14:05-14:50	FV	13:20-14:05	SHST	13:20-14:05	HÁ	13:20-14:05	EAAP	13:05-14:35- Intervalo para almoço	

	Seleccionar as quadras alusivas ao dia do bolinho.		Regras de higiene na alimentação. (HÁ, CLE)		Características do sistema digestivo em função do regime alimentar dos animais.		Confecção de bolos. (VP, TIC, FV e AP)	90 min		
14:50-15:35	Recolha e selecção de receitas para os bolos. (VP, TIC, EAAP e AP)	14:05-14:15- Intervalo da tarde 10 min.		14:05-14:50		14:05-14:50		14:35-15:20	EF Jogos pré-desportivos: Badmington e ténis de mesa.	
15:35-15:45-Intervalo da tarde 10 min.		14:15-15:00	MR Confecção de adereços alusivos ao dia das bruxas/ dia de todos os santos. (FC, CLE)	14:50-15:00-Intervalo da tarde 10 min.		14:50-15:00-Intervalo da tarde 10 min.		15:20-16:05		
15:45-16:30	FV Processamento de texto e sua formatação (quadras do dia dos bolinhos.)	15:00-15:45		15:00-15:45	TIC Elaboração de um preçário e etiquetas de preços.	15:00-15:45	EAAP Confecção de bolos – continuação.	16:05-16:50		
16:30-17:15		15:45-16:30		15:45-16:30	Processamento de regras de higiene. (VP, FV, EAAP e AP)	15:45-16:30				
				16:30-17:15		16:30-17:15				

ANEXO VIII

1 4																				
1 5																				

Legenda: De acordo com os critérios de análise da apreciação curricular, indique os níveis de concretização de cada um dos formandos, de acordo com a especificação indicada, utilizando a referência de *a* a *e*

Critério de análise	Conteúdos (indicação dos conteúdos leccionados)
Alunos	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
1 0	
1 1	
1 2	
1 3	
1 4	
1 5	

Conteúdos previstos não lecionados: